

A IGREJA DE SÃO MIGUEL DAS MISSÕES

Prof. Arq. LUCAS MAYERHOFER

I — Estabilização das ruínas da Igreja de São Miguel das Missões (*)

"Bianchi, Ioann. Andreas, Coad. 1677-1740

1716 "A di 1 febr. 1716, fu abbracciato per Fratello coadiutore Giov. Andrea Bianchi Milanese, il quale porto seco un mantello di panno turchino, un giustacore, camisciola, calzoni di panno celesti tanto usato, una camisciola di riverscio rosso, un capello, una perucha, un paro di calzette di seta negro, un paro di lana, un paro di filo, un paro di scarpe colle fibbie di ferro, 3 camiscie, 3 fazoletti, due corvatte, due berettini di notte Io

(*) Por sugestão do Professor Arquiteto Eduardo Augusto Kneese de Mello, responsável pelo setor de Arte e Arquitetura do «Curso sobre o Rio Grande do Sul», promovido pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, fui convidado pelo Diretor, Professor Dr. José Aderaldo Castello, a chamar a atenção dos estudiosos para um trabalho que realizamos de 1938 a 1940: a estabilização das ruínas da igreja de São Miguel das Missões, projetada e construída pelo arquiteto milanês Gian Battista Primoli.

Era uma das maiores igrejas do Brasil, medindo 45 metros de extensão na fachada principal e 80 metros da frente aos fundos; suas torres tinham paredes de 3 metros de espessura e 23 metros de altura. Totalmente construída de pedra até a altura dos tetos, tinha seus paramentos esculpidos, tanto interna como externamente, com modénatura e decoração barrócas.

O abandono em que ficou o templo após a expulsão dos jesuítas, em 1768, foi responsável pelo estado em que se encontrava em 1938, quando o Governo Brasileiro resolveu preservá-lo da destruição total. Os tetos haviam desaparecido e as paredes em grande parte desaprumadas ameaçavam desmoronamento, mas o que a todos preocupava era a situação da torre, que acusava um desaprumo de 1,50 m. A estabilização das ruínas foi-nos então confiada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Estudando detidamente o monumento, alvitrámos para a consolidação da torre o processo da demolição prévia e reconstrução sobre novas fundações.

Depois de termos feito o levantamento das ruínas, numeramos com tinta a óleo, pedra por pedra, todos os paramentos a demolir, consignando essa numeração em desenhos que foram guardados cuidadosamente. Só após essas precauções, foi feita a demolição. Na reconstrução, a numeração feita por ocasião do levantamento foi rigorosamente observada.

Os pormenores desse trabalho, bem como a reconstituição do Povo de São Miguel, de que nos restam uma poucas muralhas além das ruínas majestosas da igreja, são o objeto da presente comunicação.

Gio Andrea Bianchi" In margine: "3 Ag.º 1716 parti da Roma per il Paraguay, per Firenze e Pisa etc" *Rom.* 175 p. 67 Ann. 1735. Colleg. maxim. Cordubense. Fr. Andreas Bianchi Architectus, Patria Campione in Insubria, natus 25 Novembris 1677, ingressus (in Societatem Iesu) 1 Februarii 1716, Coadiutor formatus 2 Februarii 1728 *Catal. Parag.* 6 fol. 177 v. Andread Blanqui (mortus) in Collegio Cordubensi 25 Decembris 1740 *Cat. Parag.* 6 f. 245

Primoli, Giovan Battista, Coad.

Fr. Yoannes Baptista Primoli, Architectus, Patria Mediolanensis, natus 10 Octobris 1679, ingressus (in Societatem Iesu) 11 Januarii 1716, Coadiutor formatus 3 Decembris 1727 *Catal. Parag.* 6 fol. 263 Fr. Yoannes Baptista Primoli (mortus) in Oppido Candelariae Missionum 15 Septembris 1747 *Ibid.* fol. 341"

São apenas êsses os dados do Arquivo Romano da Sociedade de Jesus sobre dois irmãos jesuítas que dedicaram tôda sua atividade à construção nas colônias espanholas da América do Sul.

Os livros italianos de História da Arte não mencionam os dois arquitetos, nem a importante publicação do Governo Italiano *l'Opera del Genio Italiano all' Estero* faz sobre êles a menor referência.

No entanto, a obra realizada por Andrea Bianchi e Gian Battista Primoli é notável e projeta bem alto o nome da Arquitetura italiana nas comunidades que se iam construindo do outro lado do Atlântico.

Em nossos dias, historiadores e arquitetos, pesquisando arquivos e estudando os monumentos subsistentes, vêm estabelecendo os elementos para a História da Arquitetura na Sul América. O livro de autoria do Padre Jesuíta Guilherme Furlong — *Arquitectos Argentinos durante la dominacion Hispanica* faz o inventário dos monumentos edificados pelos arquitetos Andrea Bianchi e Gian Battista Primoli.

Dos monumentos construídos pelas Missões Jesuíticas na margem oriental do rio Uruguai, as ruínas da Igreja de São Miguel atestam ainda o elevado padrão arquitetônico.

Logo de sua formação, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, dirigido pelo eminente brasileiro Rodrigo Mello Franco de Andrade, esforçou-se por preservar da destruição essas ruínas e recolher sob sua proteção grande número de imagens de madeira e pedra, conservadas na região e que se pode, sem favor, comparar à mais expressiva escultura do tempo.

Rodrigo Mello Franco de Andrade recorreu primeiramente aos Serviços de seu assistente técnico no Estado do Rio Grande do Sul, o escritor Augusto Meyer, que apresentou relatório circunstanciado sobre o assunto, ressaltando o interesse documentário das ruínas. Em seguida, desejando proceder às

obras de restauração, encarregou o arquiteto Lúcio Costa de inventariar os elementos subsistentes e traçar o programa dos trabalhos.

A incumbência foi levada a efeito com a seriedade que caracteriza o trabalho do grande arquiteto patricio. Seu relatório, acompanhado de excelente documentação, concluiu pelas seguintes providências:

"1.^a — As ruínas da igreja de São Miguel, que apresentam grande interesse como conjunto arquitetônico, deveriam ser amparadas de forma a prevenir o seu total desmoronamento.

"2.^a — Os fragmentos de Arquitetura e as esculturas encontradas nos sete povos, bem como os que se poderia descobrir em buscas e escavações, mereciam ser recolhidos ao Povo de São Miguel, num museu a ser construído com material das ruínas, senão em as próprias ruínas devidamente abrigadas". Para a construção do museu apresentou Lúcio Costa projeto de grande interesse.

Nomeado para dirigir o Instituto do Livro, o escritor Augusto Meyer deixou o cargo de Assistente Técnico do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional da 7.^a região, sendo substituído pelo engenheiro e historiador paranaense David Antônio da Silva Carneiro, a quem coube dar andamento aos serviços de proteção das ruínas missioneiras. Seu primeiro cuidado foi proceder a escavações e pesquisas nos diferentes Povos, buscando colher elementos porventura soterrados pela destruição dos muros.

A consolidação das ruínas e a construção do Museu foram-me então confiadas.

Iniciei os trabalhos procurando descobrir as causas que provocaram o desequilíbrio e danos sofridos pelo monumento para decidir-me sobre o método a adotar.

Observo que os processos de restauração se confundem com a prática de execução. Não é razoável nem oportuno querer sistematizar nem fixar normas.

Não há norma fundamental para restauração. Diante do monumento, ele próprio é o mestre; para quem estuda detidamente um monumento, e o interroga com severidade de historiador, paixão de artista e amor de arquiteto, qualquer restauração se determina particularmente por si mesma.

Quando, em 1938, me foi confiada a incumbência de consolidar as ruínas de São Miguel, a situação do monumento era tal como aparece na foto 1, da ilustração.

Do grande pórtico da fachada principal restavam apenas as colunas e arcadas laterais, muito tombadas devido à deficiência das fundações, e ainda

assim incompletas. Colunas, arcadas de frente, frontão e até as pedras do piso haviam sido carregadas, à medida que se ia desmoronando o edifício.

O escoramento anteriormente feito, com trilhos de ferro, não impediria com o correr do tempo o seu total desmoronamento. Demolição e reconstrução sobre novas fundações impunham-se para conservá-lo.

Em volta do pórtico, mas sem apoio nêle, estabelecemos andaimes sólidamente construídos. Depois de cuidadosamente feito o levantamento do pórtico (foto 2) numeramos tôdas as pedras, divididas em quadras, segundo as alturas, e isso em cada face do pórtico, e guardamos dessa numeração vários desenhos para garantia do serviço, em caso de extravio.

Só após estas precauções foi iniciada a demolição.

Terminada esta e abertos os alicerces, verificou-se como certo o nosso prognóstico: as fundações consistiam num aglomerado de pedras roliças, sem a menor amarração; o espaço entre elas era cheio com barro grosseiro. As formigas tinham aberto nesse barro enormes buracos. Além disso, as fundações ocupavam uma largura pouco maior que a espessura das paredes. Quanto a sua profundidade, teria sido suficiente, se bem executada a alvenaria, pois o terreno é firme.

Sobre êsse solo, estendemos uma camada de concreto, no traço de 1:3:4, e logo após, construímos alicerces de concreto ciclópico, no traço de 1:4:7 + pedra de mão, armados na parte inferior com trilhos de ferro, aproveitados entre aquêles que serviam ao escoramento, e colocados cada 0,20 m.

Sobre tais alicerces reconstruímos as duas alas do pórtico.

O que a todos preocupava, porém, era a situação da torre da igreja, a qual, medindo 23 metros de altura apresentava desaprumo de 1.37 no cunhal NE e 1.57 m no cunhal SE. Devido a esta deformação, viam-se no corpo da obra enormes fendas, que aumentavam de importância visto que rachara a massa que os pedreiros haviam empregado anteriormente para remendo.

Pelo modo como se deformou a torre, era certo encontrarmos em suas fundações a mesma deficiência que encontramos nas do pórtico. Efetivamente, as fundações daquela assentavam sobre terreno firme e seria possível reforçá-los; mas, nas condições em que se encontravam as paredes, o lado esquerdo da torre acabaria por desmoronar e qualquer amarração só viria a prejudicar o lado que se mantinha aprumado, pois nenhuma alvenaria trabalha à distensão, máxime esta alvenaria irregular e sem argamassa.

A vista da situação, adotei para consolidação da parte tombada da torre o critério de sua demolição prévia a fim de reconstruí-la sobre novas fundações.

Iniciamos a consolidação preparando sólidos andaimes, externa e internamente.

O levantamento da torre, quer dizer, o desenho rigoroso de suas projeções (foto 3), e a numeração das pedras ocuparam-me durante todo um mês.

Para execução da numeração, toda superfície visível da torre foi dividida em quadras, segundo as alturas, e isso em cada face, e cada quadra teve todas as pedras numeradas. Guardamos da numeração vários desenhos para garantia do serviço em caso de extravio (foto 4).

Só após essas precauções foi iniciada a demolição.

A descida das pedras fez-se por meio de plano inclinado, estabelecido com tábuas e terminando num monte de areia.

A demolição da parte afetada foi feita sem prejudicar a outra, apesar de estarem ambas amarradas por trilhos e cabos de aço, o que prova que esses tirantes não prestavam serviço algum.

Após o desmonte, as pedras da torre foram arrumadas sobre o solo segundo seu número e quadra, de forma a evitar extravio.

As fotos 5 e 6 mostram a torre após o desmonte dos cunhais do lado esquerdo que se haviam desaprumado.

As novas fundações foram feitas de concreto armado. Os cálculos das fundações foram confiados à firma Sílvio Reis e Adalberto Nogueira (foto 7).

A descida das pedras durante a demolição fizera-se por meio de guias ou rampas de tábuas; a fim de elevá-las para a reconstrução, instalamos um guincho mecânico, acionado por motor Deutz, de 2 cilindros, de 16 H.P., a óleo cru. Esse motor foi-nos cedido pela Prefeitura de Santo Ângelo que o havia abandonado por velho e imprestável. Teve que sofrer grandes reparos, mas prestou ótimos serviços, pois as pedras pesavam em sua maioria entre 700 kg e uma tonelada.

Construímos um elevador com plataforma de 2 m por 1,50 m. Ainda assim, o transporte das pedras brutas foi muito penoso e tivemos a lamentar acidente com operários.

Na altura da primeira e segunda cimalthas fizemos cintas de concreto armado para cada bloco, com 0,25 m de altura, escondidas pelos paramentos. Cobrimos igualmente de concreto armado a superfície superior da torre antes de aí assentarmos novamente as pedras e as calhas que encontramos,

tapando as juntas com massa de cimento e areia, para impedir a infiltração das chuvas.

Em três ângulos encontramos gárgulas (foto 8); um quarto exemplar foi desenterrado ao pé da torre. A foto 9 mostra o belo capitel, ornado com representação de fôlhas, flôres e frutas de romã, dispostas como se fôssem de acanto. Terminada a reconstrução, foram retirados os andaimes, trabalho que nos ocupou durante 2 semanas.

Para proteção do corpo da igreja, executamos importante trabalho, compreendendo retirada de troncos e raízes, fechamento de fendas para impedir a infiltração da água e substituição indispensável de algumas pedras.

Fizemos atêrro em rampa em tôda a extensão dos muros, para que a água não venha mais a se estagnar ao longo dêles. Uma das causas de ruína consistia nos muitos buracos cavados ao pé dos muros por pessoas buscando ouro ou relíquias da lendária riqueza dos jesuitas.

No eixo da nave, em todo seu comprimento, construímos um canal coberto para escoamento das águas de chuva. Foi, a nosso ver, a melhor solução para proteger as fundações do corpo da igreja. Completamos êsse serviço pela iniciativa da execução de importante atêrro para encher as bacias e buracos existentes ao longo da nave e colaterais, assim como para obter os caimentos necessários.

A foto 10 mostra a torre após sua consolidação.

É com saudades que me recordo do mestre dos meus operários, o Sr. Fernando Hartmann, dedicado e competente auxiliar, que faleceu 2 anos mais tarde, quando trabalhava comigo na estabilização da igreja matriz do Serro, no Estado de Minas Gerais.

Sinto-me feliz por ter conseguido, com resultado satisfatório, a estabilização da torre de S. Miguel, utilizando método que ainda não havia sido empregado em nosso país, e satisfeito com a oportunidade de recordar preocupações, lutas, canseiras, inverno rigoroso, rijo minuano, mas também ocorrências curiosas e o aspecto pitoresco da costa da serra do Rio Grande do Sul.

II — *Reconstituição do Povo de São Miguel das Missões*

a) ORIGENS HISTÓRICAS

No século XVI, o poder e a cultura europeus estenderam-se às Américas; em princípios dos século XVII já os estabelecimentos provisórios passavam a tomar um caráter de permanência, as riquezas das novas terras começavam a

influir na economia européia, e as vantagens de uma colonização metódica e eficiente não escaparam aos soberanos da Espanha e Portugal.

Os povos imigrados do norte da Europa, na necessidade de terras e na procura de liberdade religiosa, trasladaram-se para as costas orientais da América do Norte, e constituíram-se em comunidades agrícolas que se bastavam a si mesmas. Esses pioneiros viam nos nativos apenas um entrave à sua expansão e, sem grandes escrúpulos, os iam impelindo à sua frente, rumo ao Oeste, à medida que conquistavam novos territórios.

Os conquistadores espanhóis e portugueses, ao contrário, eram, antes de mais nada, soldados e aventureiros, não afeitos ao cultivo da terra, quicá considerando humilhante êsse trabalho. O braço indígena lhes era, portanto, indispensável e, em tôda a América espanhola e portuguesa, a captura dos nativos para a exploração de seu trabalho foi praticada por mais de duzentos anos.

Era natural que se rebelassem os gentios despreocupados e até então livres, contra êsses processos de escravização e contra a imposição de trabalho exaustivo, mercê de maus tratos que recebiam. Conhecedores da terra, dificultavam em tudo o que podiam a penetração dos invasores. Aliados aos piratas que freqüentemente assolavam as costas, ajudavam-nos a atacar os estabelecimentos do litoral.

Ora, ao mesmo tempo que os soberanos espanhóis e portugueses eram investidos pelo Chefe da Igreja Católica no domínio dos países que iam conquistar, eram êles incumbidos de levar a Fé aos povos bárbaros dessas regiões.

Assim é que Fernando e Isabel de Castela declararam (bula de Alexandre VI, de 4 de maio de 1493) ser a conversão dos indígenas o alvo principal que deveriam visar no Nôvo Mundo.

E foi o ideal religioso que guiou D. João I de Portugal e o Infante D. Henrique nas suas emprêsas marítimas. "Onde chegasse a proa dum navio português, podia aparecer ou não aparecer a espada, surgia com certeza a Cruz" (1).

Os Padres jesuítas, com severa disciplina física, mental e moral, eram talhados para a difícil missão de catequese em um mundo por assim dizer desconhecido, e, desde 1549, começaram a chegar jesuítas ao Nôvo Mundo.

Os conquistadores muito se aproveitaram do poder de persuasão dos jesuítas junto aos indígenas. É célebre o episódio dos Padres Manoel da

(1) Leite, Serafim, Padre, S. J. — *História da Companhia de Jesus*, tomo I, p. IX.

Nóbrega e José de Anchieta conseguindo a pacificação dos tamoios que se haviam aliado a corsários franceses.

Os jesuítas, educados na mais pura moral e com alevantados ideais de humanitarismo, cedo entraram em luta com os plantadores, tendo por objetivo melhorar a situação dos indígenas. Na História do Brasil vemos a cada página fases dessa luta entre os colonos escravizadores dos índios e seus protetores, os jesuítas.

Os soberanos espanhóis compreenderam a impossibilidade de conseguir a catequese dos índios sujeitos aos colonos, obrigados aos mais duros trabalhos, maltratados, e vendo nos senhores da terra o contrário do homem cristão exemplar, que lhes era citado pela doutrina.

Foram, então, criadas as Missões, isto é, expedições para a catequese no próprio meio indígena, longe do convívio com os brancos, meros caçadores de fortuna.

As primeiras Missões, acompanhando os índios nômades, alcançaram resultado insignificante. A pregação espiritual, sem a demonstração das vantagens oferecidas pela Civilização Cristã, não bastava para os convencer. Por isso, os jesuítas do Paraguai e Tucuman, convocados em Salta, em 1602, pronunciaram-se todos pela catequese estável.

Adotou-se o sistema das Reduções, isto é, aldeamentos em que os índios eram conduzidos (*reduciret*) à fé cristã.

Nas Reduções, fixavam-se os índios nômades, sob a direção dos jesuítas, que passavam a reunir nesses estabelecimentos o poder temporal ao espiritual.

Além dos argumentos espirituais, eram oferecidas aos índios as vantagens materiais que pode proporcionar a Civilização: alimentação, abrigo, vestuário e aparelhamento à defesa não deveriam faltar:

"Cuida bem das minhas vaquinhas", dizia o Padre que se ausentava ao substituto, "porque índio sem carne volta para o mato".

Não se pense, todavia, terem sido fáceis a obra e a existência dos jesuítas. Longe de suas sedes provinciais, lutavam com tãda sorte de dificuldades que sobrepujavam com engenho e coragem. Entre outros obstáculos, tinham que lutar contra o temperamento infantil e bastante instável dos nativos. Acontecia, por vèzes, que, súbitamente, da noite para o dia, todo um grande trabalho de catequese redundava em fracasso, como em Japeiú, no século XVII, quando precisamente ao inaugurar-se uma nova Redução, os índios declararam sua decisão de reverter ao modo de vida primitivo. Alegaram êles não querer um Deus que tudo via e de tudo sabia.

Das primeiras Reduções, muito pouco resta além do seu nome e indícios sobre sua localização. Entre as que ainda perduram em ruínas ou em velhos pergaminhos, figura a de Santo Inácio Guassú, fundada pelo Padre Maciel Lorenzana em 1609.

Sabemos também que o Padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, após fundar, entre 1615 e 1628, inúmeros estabelecimentos à margem direita do rio Uruguai, transpôs o rio e veio criar as primeiras Reduções no atual Estado do Rio Grande do Sul. É em relatórios enviados a seus superiores que vamos encontrar, talvez, as mais antigas descrições da parte ocidental do que é hoje o Estado do Rio Grande do Sul. Só por instigação de um pajé, particularmente hostil, foi o Padre Roque Gonzalez de Santa Cruz morto pelos índios, pois que já então era bem menor o perigo representado pelos selvícolas.

Por outro lado, porém, crescia o perigo dos preadores de escravos.

De fato, em 1628, após muitos anos de caçada aos índios dispersos nas selvas, ignorantes e ferozes, os mamelucos voltaram os olhos para os índios das Reduções.

Prêsa bem mais valiosa eram realmente êstes últimos, industrializados pelos Padres na agricultura, na pecuária, nas artes e nos ofícios.

A princípio, acuados pelas hordas de mamelucos, os Padres só podiam recuar, até que, em 1639, lhes foi permitido armar seus pupilos com arcabuzes.

Daí por diante, a reação aos escravizadores foi sistemática e profícua, até que, após a vitória de Mbororé, o respeito duramente conquistado permitiu às Reduções entrarem na sua fase de real desenvolvimento.

Nesse período áureo, nada menos de trinta Reduções floresceram, estendendo-se do sul da atual República do Paraguai até uma distância de 100 milhas de Buenos-Aires, e englobando os Sete Povos no atual Estado do Rio Grande do Sul, dos quais faz parte o Povo de São Miguel.

b) DESENVOLVIMENTO

A Missão de São Miguel teve sua origem num aldeamento fundado em 1632 pelos Padres Cristobal de Mendoça e Paulo Benavides, num lugar chamado Itaiacécó, à margem direita do rio Ibicuí, num rincão da serra de S. Pedro, na situação geográfica de 29° 36' lat. Sul e 10° 54' long. Oeste do Rio de Janeiro.

Receosos das invasões dos preadores de índios, que por aquêle tempo (princípios de 1637), ameaçavam as Reduções do Uruguai, os jesuítas trans-

portaram-se para além rio. São Miguel emigrou como as outras, localizando-se nas proximidades de Concepción.

Aí cresceu extraordinariamente, mas, faltando-lhe terras para sua expansão, trasladou-se em 1687 para situação definitiva, à margem esquerda do rio Uruguai, localizando-se ao norte do rio Piratini, entre as coordenadas de 28° 32' 36" de lat. Sul e 323° 45' de long. Leste da ilha do Ferro.

Já então contava o Povo 4.000 almas e era a mais populosa das Missões.

Como tôdas as outras instituições jesuíticas naquela região, o Povo de São Miguel desenvolveu-se, segundo normas de uma habilidade quase inverossímil, visando ao trabalho coletivo.

É verdade que da Companhia, na Europa, vinham técnicos de toda espécie, incluindo os que se chamariam hoje *especialistas*, como cartógrafos, etnólogos, relojoeiros, armeiros, etc. As matérias primas eram, porém, aqui extraídas e aqui também elaborada a ferramenta necessária.

São Miguel possuía uma das mais importantes estâncias de gado da região missioneira, abrangendo quarenta léguas de largura por vinte léguas de comprimento (2), com enormes rebanhos de gado vacum, cavalar e ovelhum, servindo este de fonte produtora de lã, que era cardada e tecida pelos índios (3).

Desde os seus primórdios, a Missão dedicou particular esforço à agricultura, com extensíssimas plantações e colheitas abundantes de erva-mate (4), algodão, trigo, mandioca, cana-de-açúcar, batatas, ervilhas, favas, feijões, abóboras, etc.

No terreno da indústria, sabemos que não somente foram muito desenvolvidos os cortumes, a fiação e tecelagem, chegando a ocupar quarenta e até cinquenta teares (5), mas que os índios se aplicavam também a qualquer sorte de manufaturas. Copiavam os modelos europeus e chegaram a executar os mais complicados aparelhos e máquinas bem como instrumentos de música e relógios. Na Missão foram fundidos sinos de bronze, com material vindo do Peru.

Na preocupação de atender às necessidades espirituais de seus discípulos, os Padres tiveram sempre presente o grande valor da música: a música atingiu em São Miguel um desenvolvimento que lhe valeu notoriedade na Europa.

(2) Segundo uma estatística de 1732, os Sete Povos possuíam em conjunto 65.000 vacas, 7.000 cavalos e 15.000 ovelhas.

(3) Porto, Aurélio, *História das Missões Orientais do Uruguay*, p. 222.

(4) Gay, João Pedro, Cónego, *História da República Jesuítica do Paraguai*, p. 323: «A preparação da erva se fazia com esmêro, de tal modo que toda a que procedia de Missões, tinha preferência nos mercados de Buenos-Aires. Houve época em que se subministravam anualmente até quarenta mil arróbas a este mercado...»

(5) Sepp, Antônio, Padre S. J., *Vlagers às Missões Jesuíticas*, Introdução, p. 50.

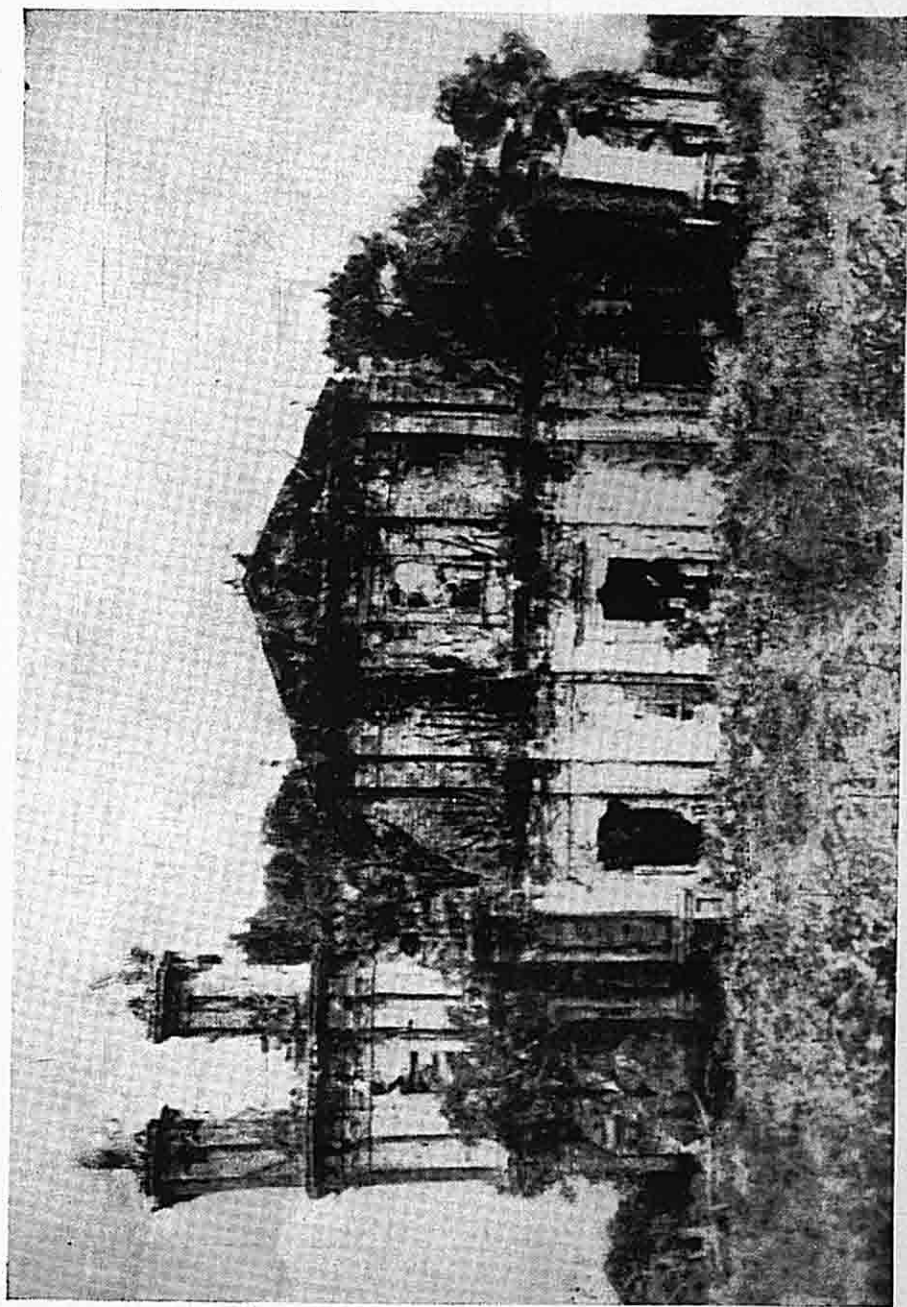
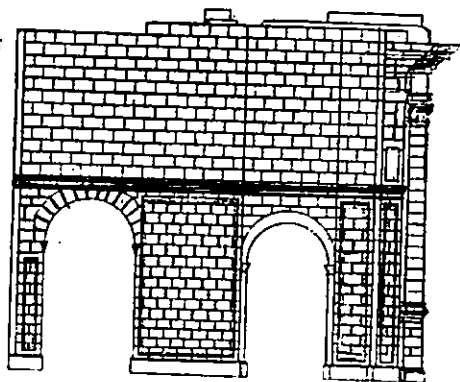
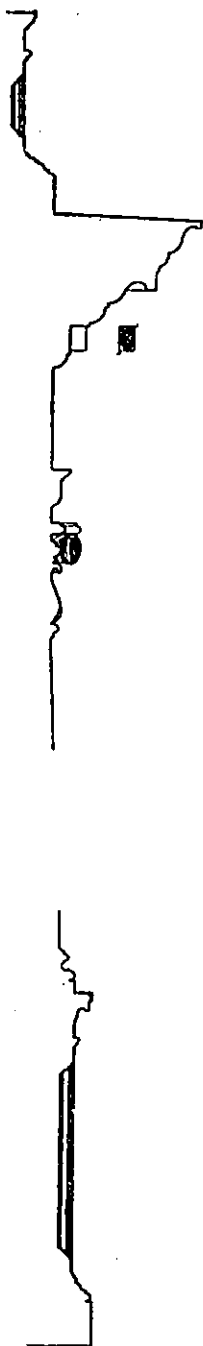
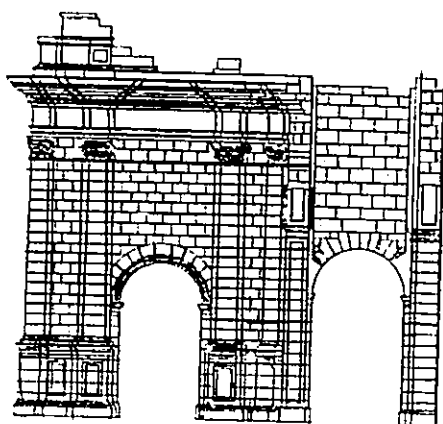


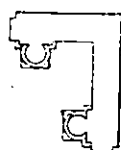
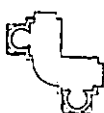
Foto 1 — Ruínas da igreja de São Miguel antes dos trabalhos de estabilização.



VISTA INTERNA



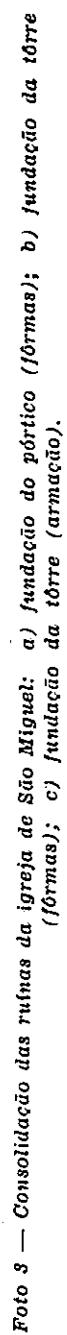
VISTA EXTERNA



PLANTA E ELEVACOES

DETALHE

Foto 2 — Pórtico da igreja de São Miguel. Levantamento.



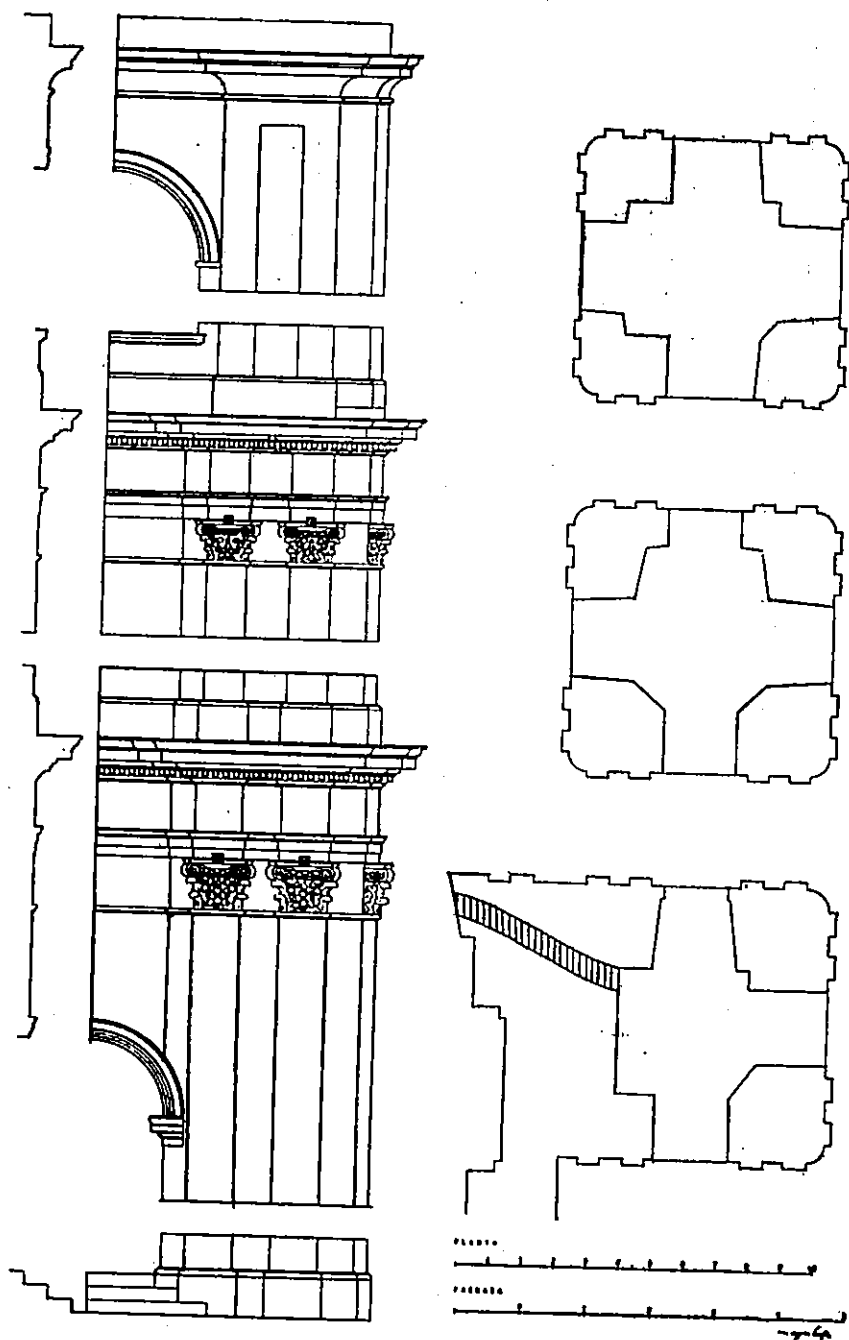


Foto 4 — Torre da igreja de São Miguel. Levantamento.

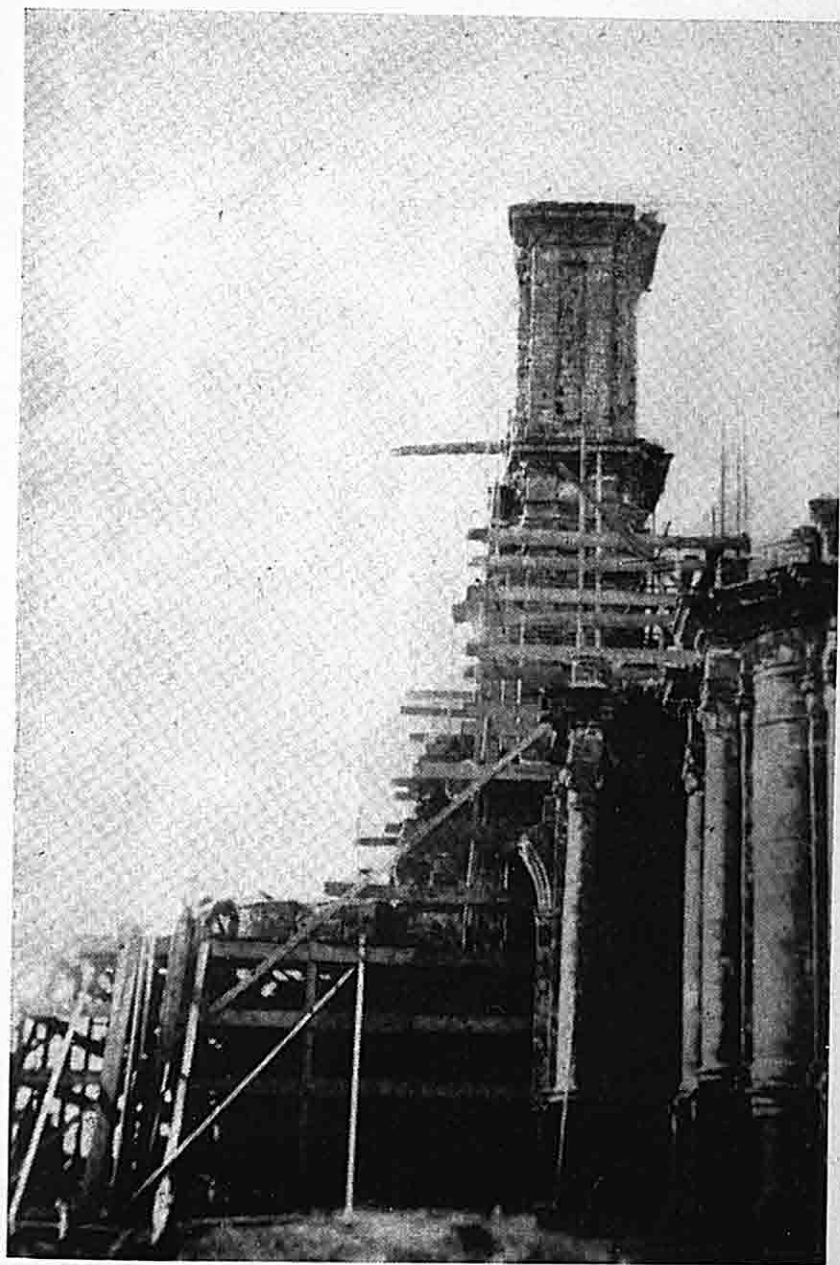


Foto 5 — Tórre da igreja após o desmonte dos cunhais do lado esquerdo que se haviam desaprumado.

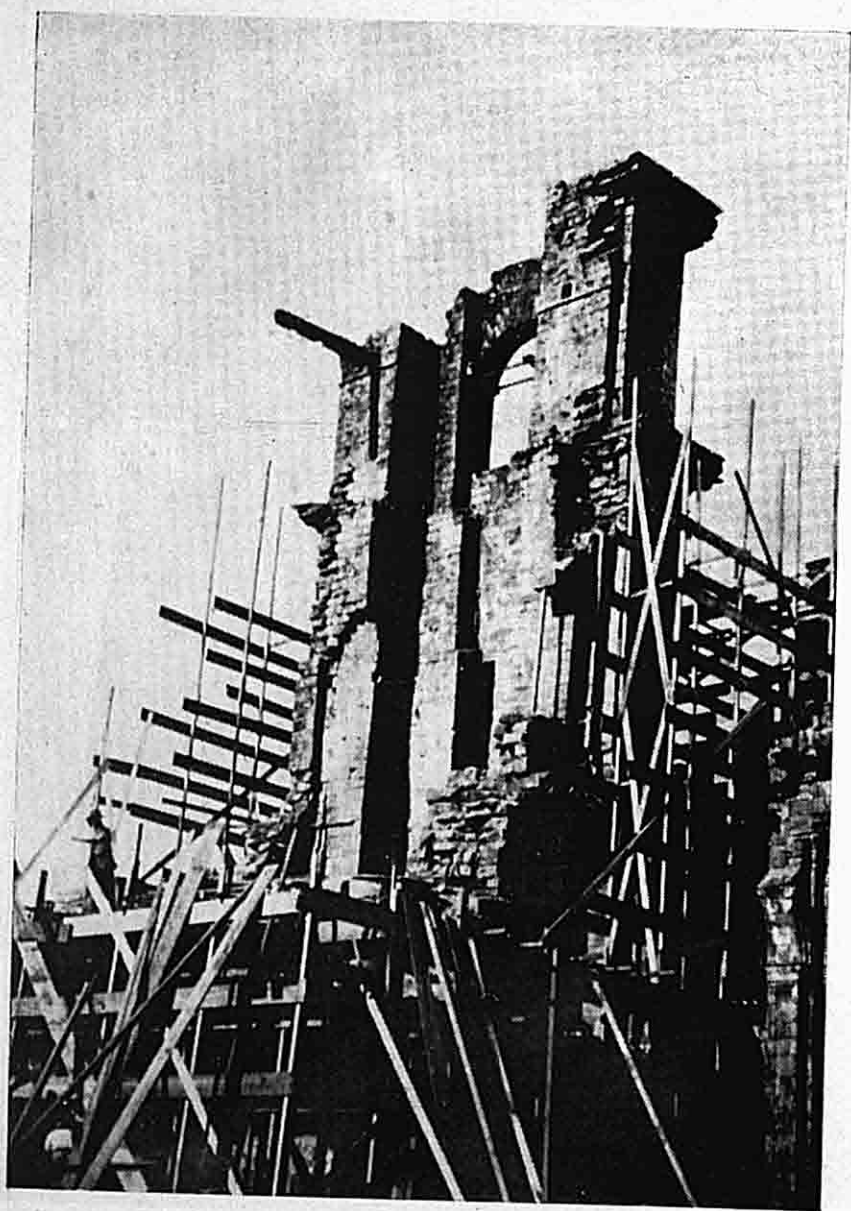


Foto 6 — Vide legenda foto 5.

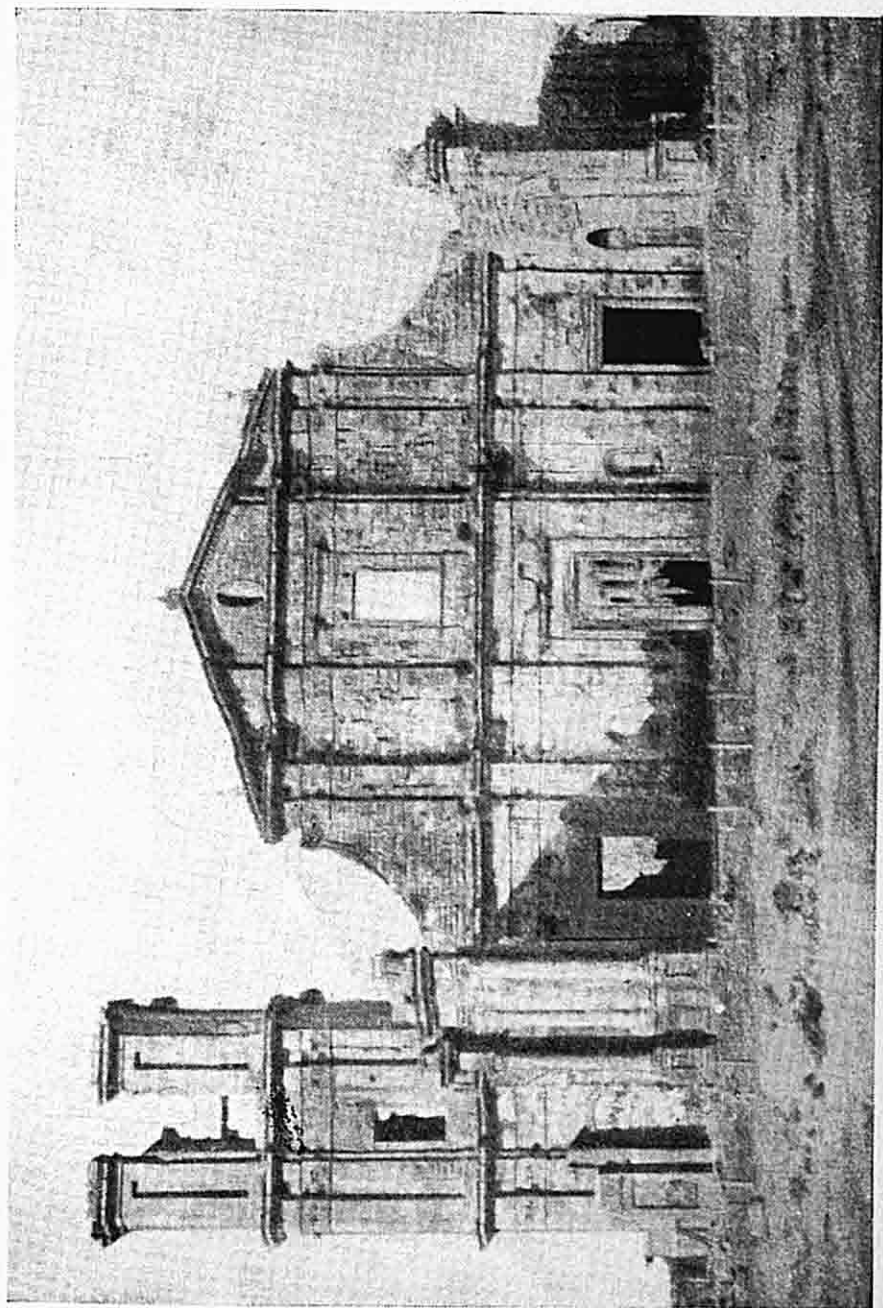


Foto 7 — Ruínas da igreja de São Miguel, após os trabalhos de estabilização.

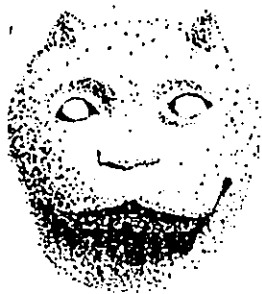


Foto 8 — Exemplo da gárgula encontrada em três ângulos.

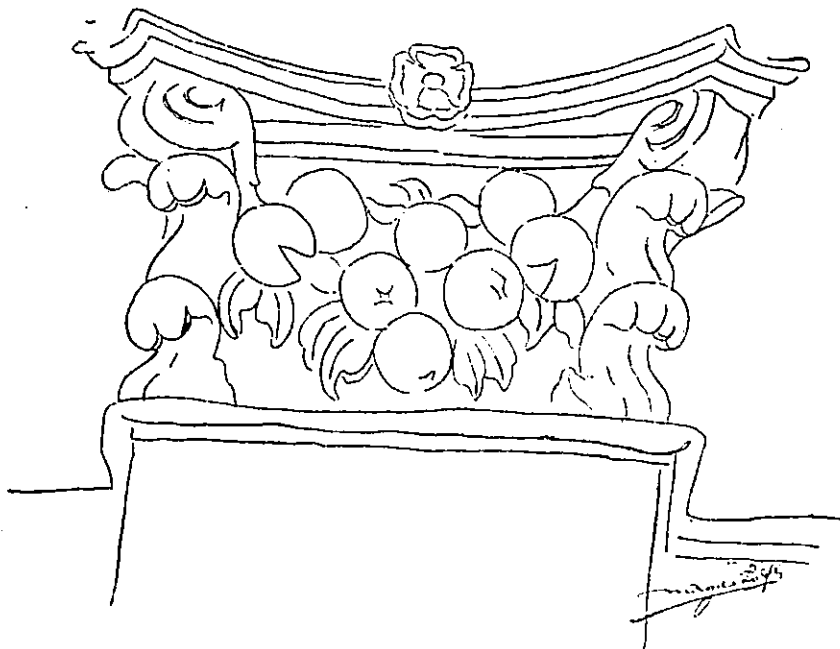


Foto 9 — Capitel, ornado de representação de fôlhas, flôres e frutas de romã, dispostos como se fôssem de acanto.

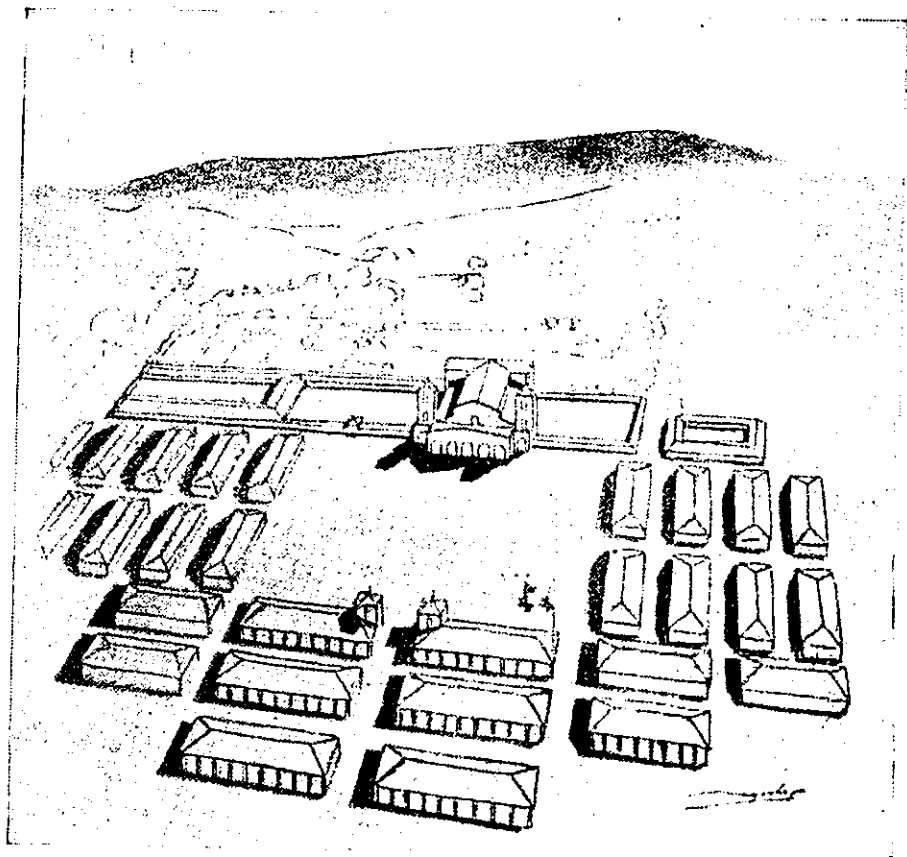


Foto 11 — Reconstituição do Povo de São Miguel. Perspectiva.

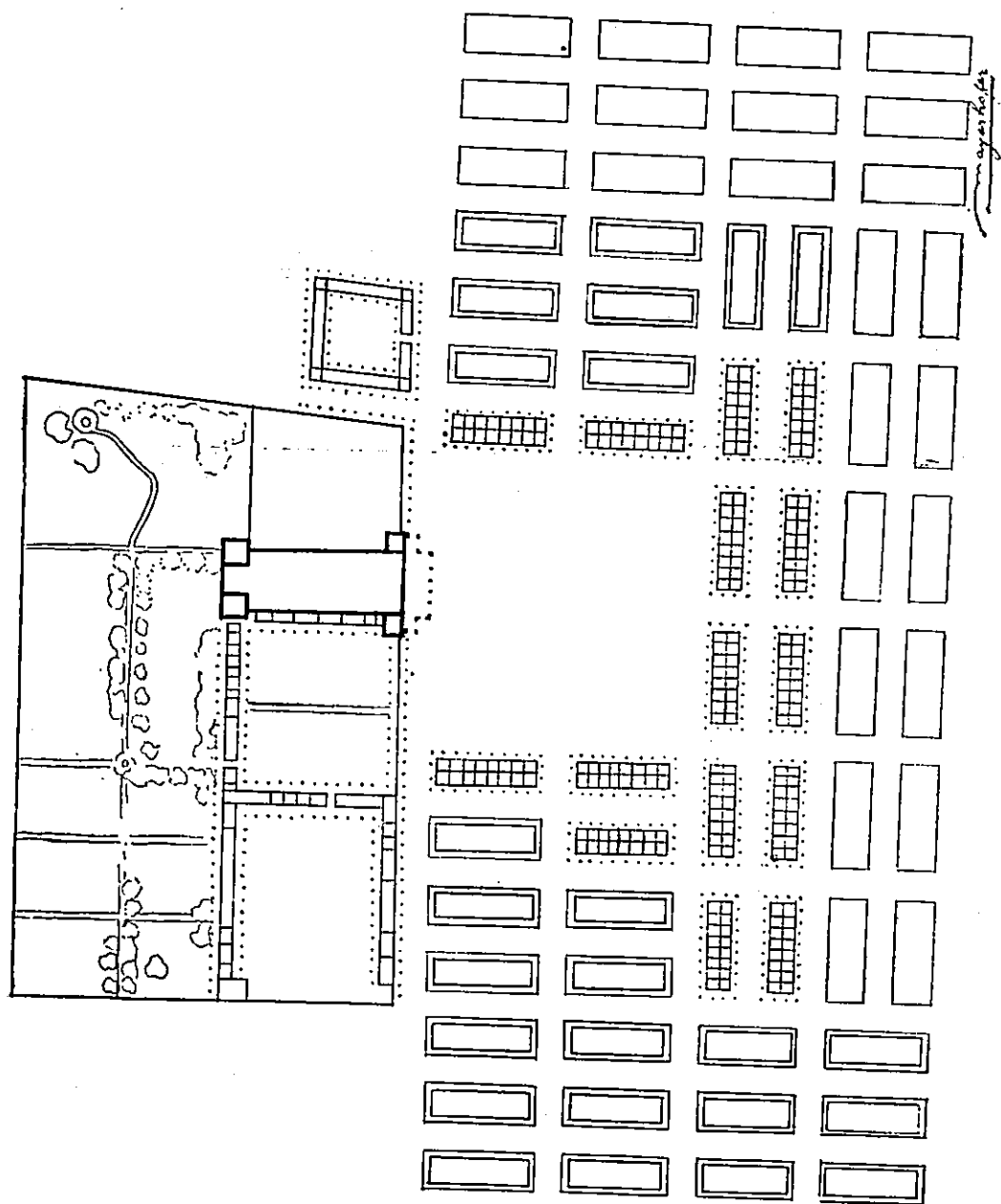


Foto 12 — Reconstituição do Povo de São Miguel, planta de conjunto.

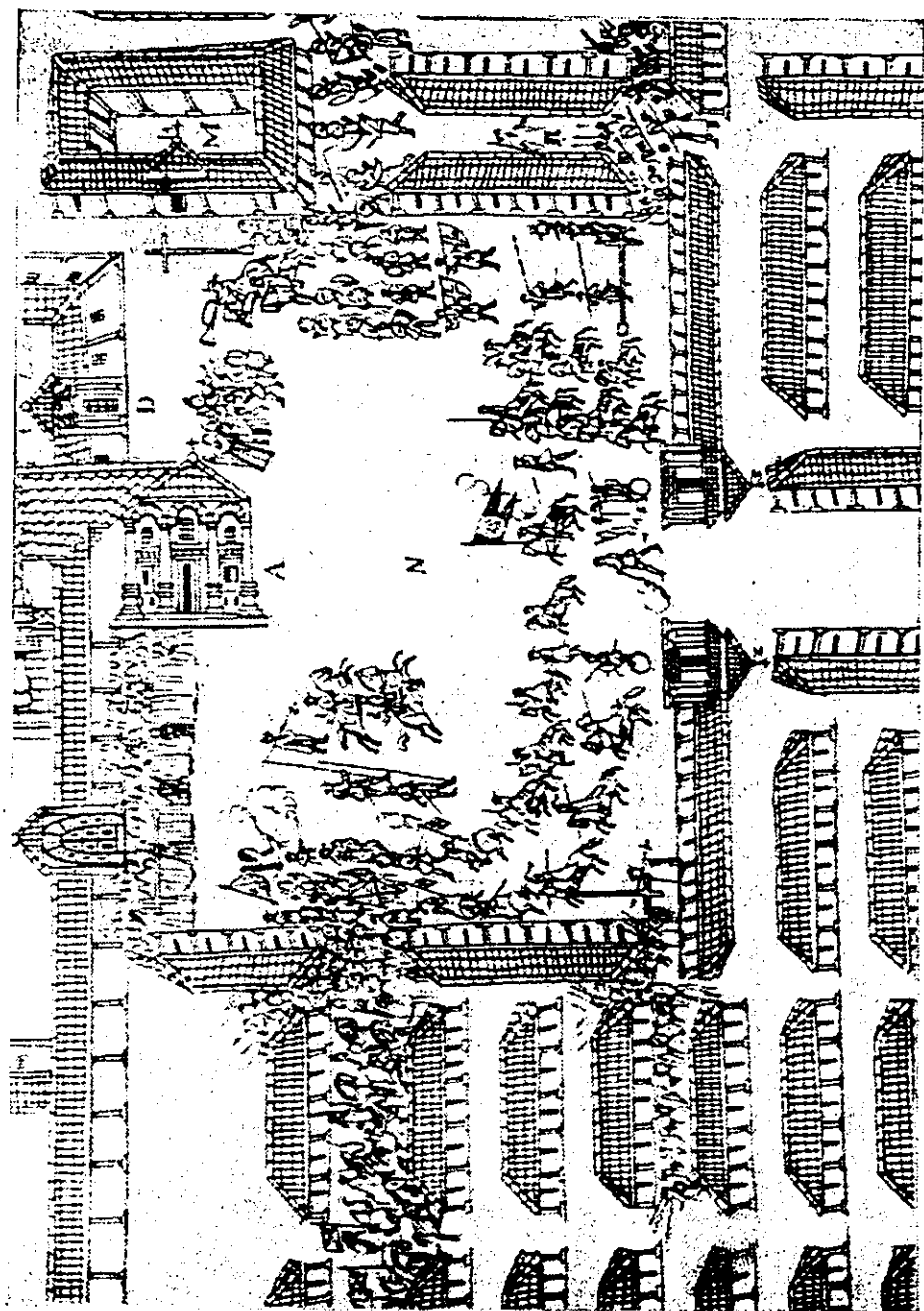


Foto 13 — Povo de São João Batista, segundo uma gravura em cobre de 1755.

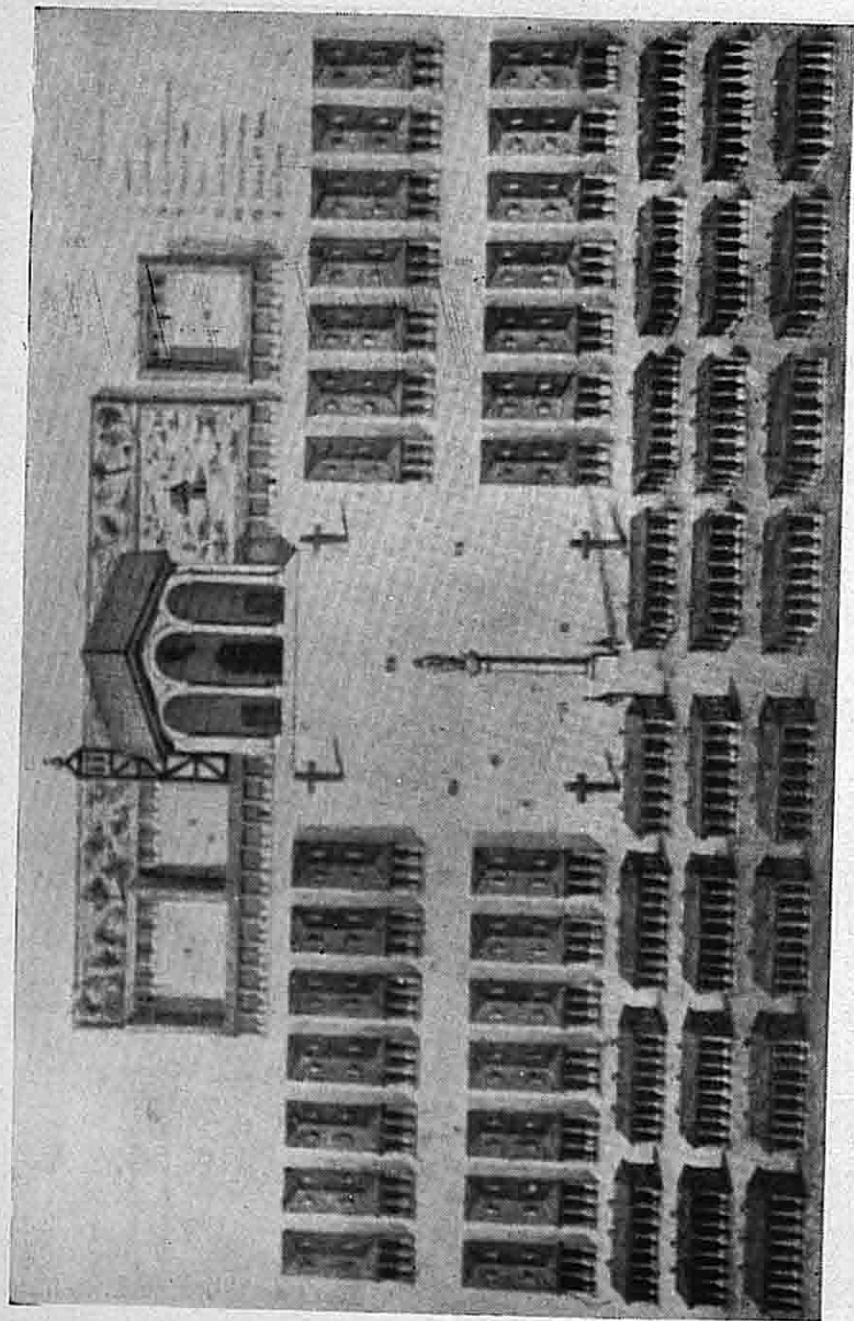
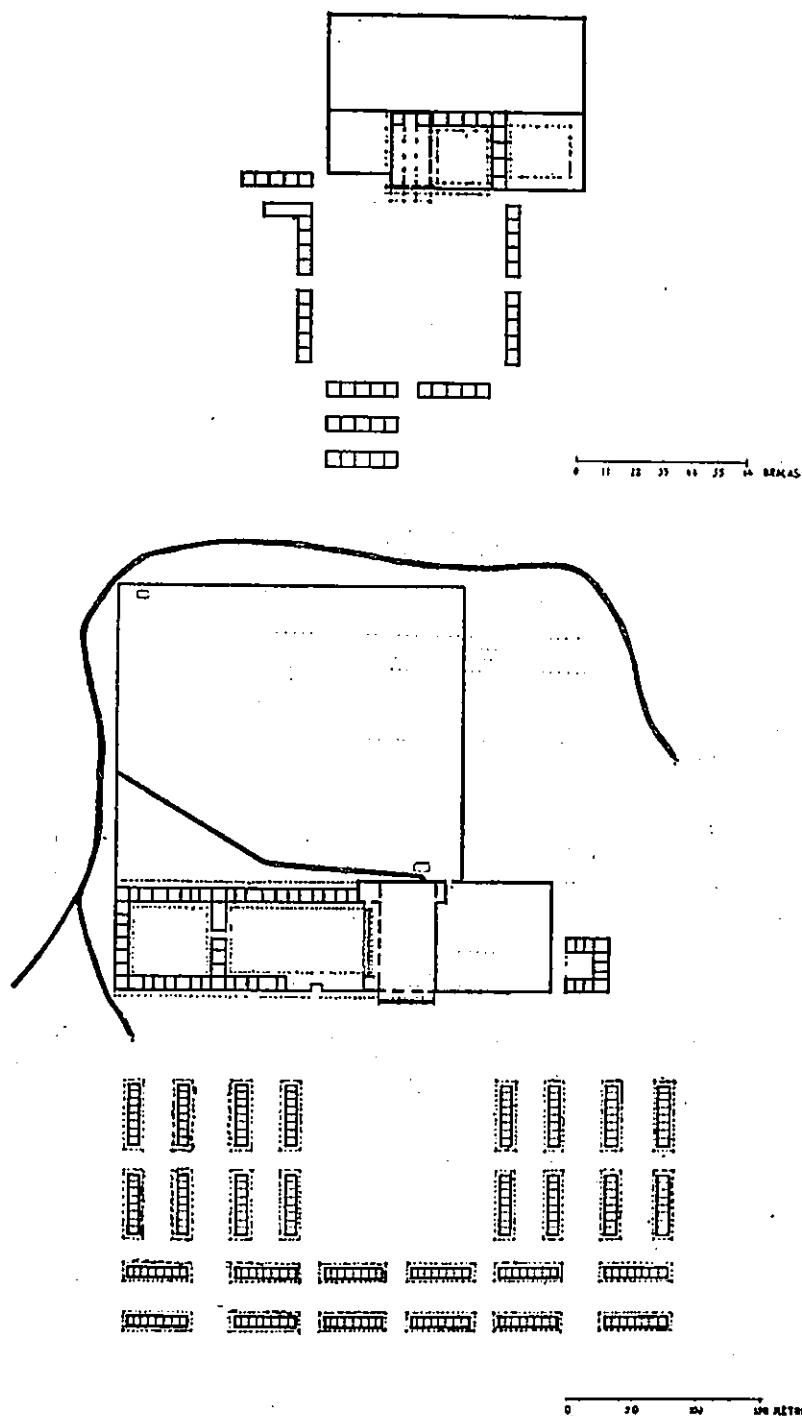


Foto 14 — Missão da Candelária, segundo uma gravura de 1767.



Fotos 15a e 15b — Plantas das Missões de São Borja, segundo a reconstituição de Manuel de Almeida Coelho, em 1816; San Ignatio Mini, segundo a reconstituição de Juan Queiroz.

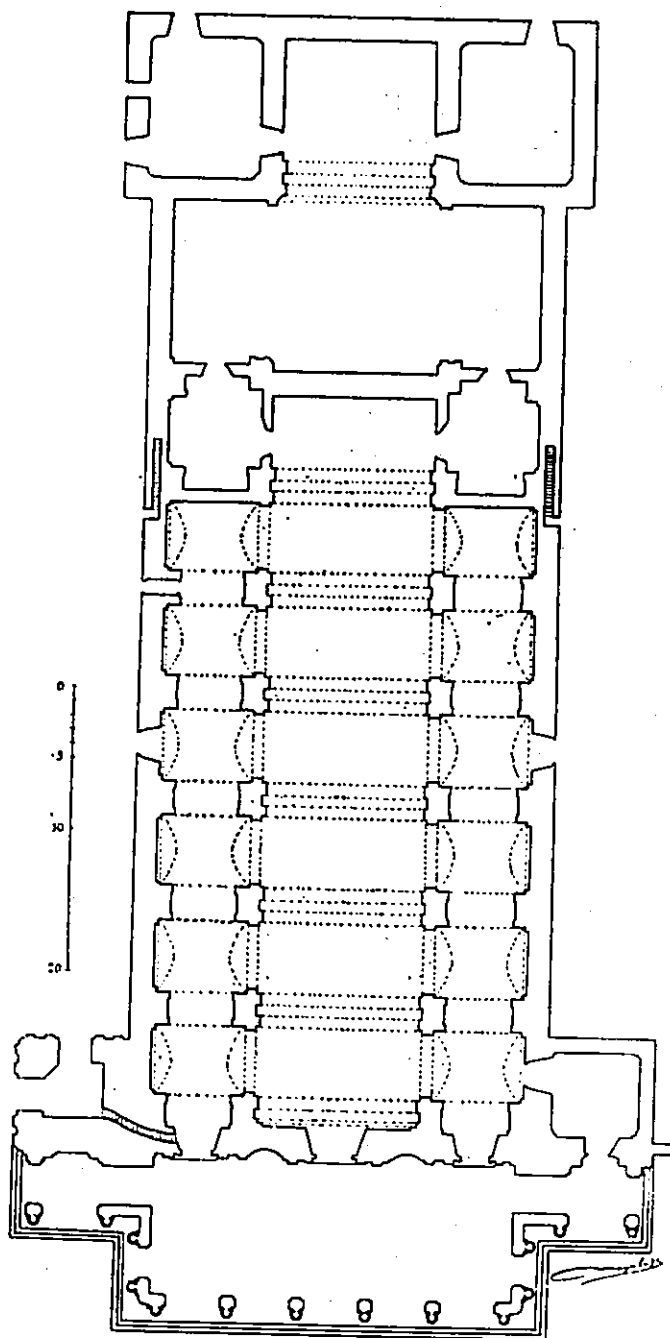


Foto 16 — Reconstituição da igreja de São Miguel baseada nos elementos subsistentes. Planta.

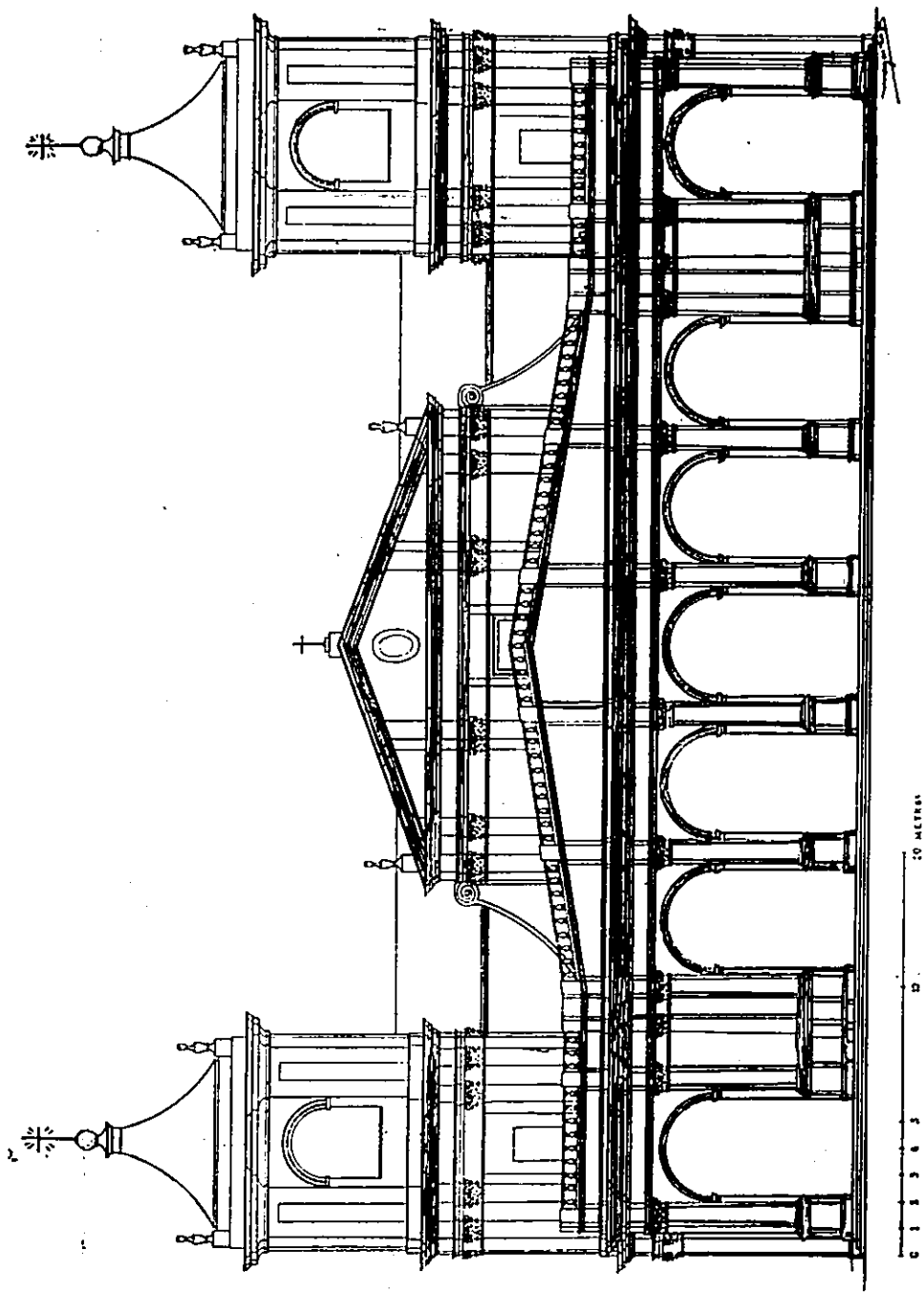


Foto 17 — Reconstrução da igreja de São Miguel baseada nos elementos subsistentes. Elevação principal.

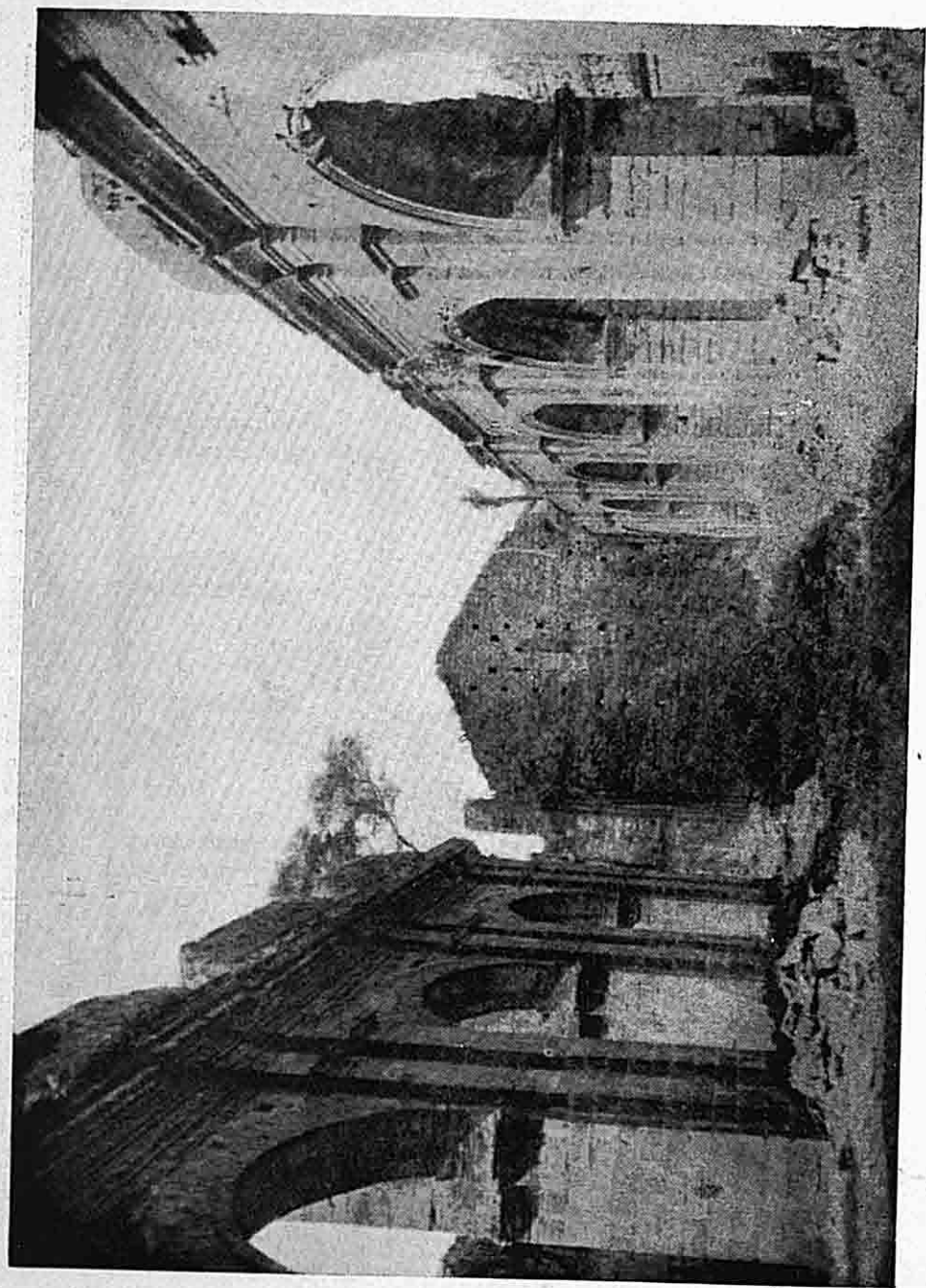


Foto 18 — Igreja de São Miguel. Ruínas da nave principal.

Nem foram esquecidas as artes plásticas, cujo interesse foi estimulado e mantido entre os índios pelos Padres da Missão.

Bem haja tal interesse que nos permite, séculos depois, pelos remanescentes dessas atividades artísticas, vislumbrar a Arquitetura e a Escultura missioneiras.

É fácil compreender-se como, fruindo das condições amenas de uma vida útil e abrigada, os índios fôssem aos poucos perdendo suas características agrestes e se adaptando à vida social das Missões.

c) DECADÊNCIA

Na vida arcádica que levavam, longe estavam os jesuítas e seus protegidos de saber que nas chancelarias de Portugal e Espanha um tratado de limites estava sendo concluído, que viria ferir profundamente a bela realização das Missões e marcar o início de seu desenraizamento e de sua morte.

O Tratado de 1750, permutando a Colônia do Sacramento pelos Sete Povos e estipulando que os respectivos habitantes deviam transpor o rio com todos os bens móveis, ocasionou a revolta profunda que resultou na chamada *guerra das Reduções*, onde se viram padres jesuítas, aliados aos seus índios, lutarem contra os cavaleiros espanhóis e portugueses para não abandonarem a Missão.

Com a entrada dos exércitos aliados em São Miguel, os índios vencidos, num gesto de desespero, lançaram fogo à maior parte das casas e ao templo, o qual felizmente foi salvo das chamas. Seguiu-se o saque da aldeia abandonada, por outros índios que nela penetraram e levaram até os sinos.

É verdade que, em 1762, anulado o tratado de limites, houve ainda um surto de vida nas Missões; porém o abalo já produzira efeito, e quando, em 1768, se ultimou a campanha movida contra os jesuítas com a sua expulsão da América espanhola, a Missão de São Miguel enveredou pela senda inexorável da decadência.

De fato, bem diferentes passaram a ser as condições de vida dos índios sob a administração colonial espanhola. Abandonados os princípios cristãos seguidos pelos jesuítas, os índios se viram despojados e maltratados, e, como reação natural, passaram a desertar em bandos, vindo trabalhar para as estâncias dos brasileiros e portugueses.

Ao fracasso do Tratado de 1750 seguiram-se novas pretensões territoriais dos espanhóis, acompanhadas de lutas que os tratados posteriores não conseguiram aplacar.

O descontentamento dos índios com os administradores espanhóis muito ajudou aos pioneiros da penetração riograndense.

O ano de 1801 assinala um episódio marcante da nossa História.

Os riograndenses José Borges do Canto e Manoel dos Santos Pedroso, à frente de quarenta homens, atacaram as Missões e derrotaram o exército espanhol de ocupação, constante de 2.000 homens, conquistando definitivamente os territórios da margem esquerda do Uruguai para o patrimônio nacional.

No que toca aos Povos Missioneiros, objeto de nosso estudo, estes, já decadentes devido aos fatores expostos, depois de tantas lutas, foram desintegrando até o seu completo desaparecimento.

RECONSTITUIÇÃO

I — DO POVO

Com as obras de estabilização descritas no capítulo anterior, ficaram preservados da destruição os elementos arquitetônicos de maior valor, existentes nas Missões.

As ruínas da igreja de São Miguel, os muros meio tombados e os alicerces que ainda existem das construções que compunham o Colégio dos jesuítas não bastam, porém, para nos representar o antigo Povo, com o traçado regular, característico de seu conjunto monumental.

Auxiliados, entretanto, pelos escritos do tempo, pelas descrições dos historiadores e dos viajantes que em diferentes oportunidades percorreram a região, assim como pelos autores modernos que comentaram os textos dos jesuítas, referentes ao assunto, ficamos habilitados a deter-nos com o necessário interesse no objeto do nosso trabalho: *A reconstituição do Povo de São Miguel na época de seu maior florescimento.*

Partimos da premissa de ter sido a Missão criada em obediência a um plano pré-estabelecido.

Em verdade, a fundação das Missões pode ser comparada à das antigas colônias dos romanos no norte da África: Timgad, Volubilis, Caesarea.

De fato, o espírito barroco veio restabelecer na mentalidade do Ocidente aquela preocupação com os efeitos de conjunto e de impressão geral que se perdera com a destruição do sistema social do mundo antigo. Pode ser dito, em favor do barroco, que foi o primeiro período, depois do romano,

em que se planejaram edificações com intenção estética visando ao proveito coletivo: cidades, ruas, praças.

No caso das Missões jesuíticas, as dificuldades eram bem maiores, pois os povos indígenas não tinham senão uma organização social rudimentar e possuíam apenas indústrias primárias.

Nem por isso faltou às mais rústicas realizações missioneiras a emoção característica da arte da Contra-Reforma; porque o drama da Salvação, que é a essência do *barroco*, em nenhuma parte se expandiu melhor que nessas Missões jesuíticas, onde tudo era criado tendo-se em vista esse ideal religioso.

O Povo de São Miguel foi construído sobre uma colina, de modo a facilitar o escoamento da água das chuvas freqüentes.

A Missão devia obedecer ao plano geral estabelecido nas *Leyes de Indias, Libro IV, Título Siete*: "De la población de las ciudades, villas y pueblos".

O traçado se desenvolveria em torno de uma praça quadrangular, medindo aproximadamente 130.00 m de lado (fotos 11 e 12).

O lado que olhava o norte era limitado por muros e construções do Colégio, pela igreja e pelo cemitério; os outros três lados pelas casas dos indígenas, dispostas em anfiteatro e separadas por nove ruas que partiam da praça.

Com efeito, encontramos disposição semelhante noutras Missões hoje desaparecidas, mas cujas plantas antigas nos foram conservadas.

a) Na Missão de São João Batista, fundada para dividir o numeroso Povo de São Miguel e que aparece na curiosa gravura em cobre de 1755 (foto 13);

b) No Povo da Candelária, em Misiones, segundo uma gravura de 1767 (foto 14);

c) Na Missão de São Borja (que se desenvolveu e é hoje ponto terminal da via férrea, linha Montevideu-Quaraim-São Borja), segundo a planta levantada por Manoel Joaquim de Almeida Coelho, em 1816 (foto 15a);

d) No Povo de San Ignacio Mini, em Misiones, segundo uma reconstituição feita em 1899 pelo agrimensor Juan Queirolo (foto 15b).

Os autores antigos confirmam essas plantas e mostram a recorrência do tipo.

Dominando o conjunto, elevava-se a magnífica igreja toda de pedra e precedida de rico pórtico.

A sua direita ficavam as casas do Colégio, que se dispunham em volta de dois grandes pátios. Essas construções eram dotadas de duplas varandas, exterior e interior, construídas com pilares de pedra lavrada. Do lado esquerdo da igreja, o cemitério. Segundo uma referência do Cônego João Pedro Gay, numa descrição das Missões, o cemitério, cercado por paredes altas, seria plantado de ciprestes, palmeiras e laranjeiras, formando ruas por onde circulavam as procissões, e dividindo terrenos para as sepulturas, reservadas a despojos de inocentes e de membros das Irmandades. Fazia-se na igreja, junto ao altar-mor o sepultamento dos jesuítas. Ao meio do cemitério, de certo, uma grande cruz se levantaria, como nas outras Missões. Pelo lado dos fundos, ao longo do Colégio, da igreja e do cemitério, devia ficar a quinta dos Padres, murada de pedra e barro, com jardim, pomar e horta (6).

Seriam do tipo espanhol as casas dos indígenas, construídas em blocos cobertos por telhados de quatro águas, com grandes varandas, que as cercavam de todos os lados, de forma que se podia percorrer o Povo ao abrigo do sol e da chuva.

Ainda encontramos alicerces e bases de muitos pilares dessas varandas. E foram êsses alinhamentos de bases que nos permitiram calcular as dimensões da praça e a disposição dos blocos de habitação que a circundavam.

No ano de 1630 já o Povo de São Miguel contava 100 dêsses blocos cobertos de telhas. Cada bloco era provavelmente dividido em quatorze compartimentos, alojando-se aí uma família inteira.

A Missão chegou a ter cerca de 100 blocos, correspondendo às 1214 famílias, e ao total de 4859 almas, população a que atingia em 1732, depois de ter sido desmembrada para a fundação do Povo de São João Batista.

O edifício do Cabido ocupava provavelmente um dos blocos situados no lado da praça oposto à igreja. Atrás dêsses blocos deviam ficar as casernas do regimento guarani; era essa sua localização em 1816, conforme se vê na planta do Povo de São Borja, segundo o levantamento feito por Manuel Joaquim de Almeida Coelho.

Os pórticos ou galerias ao longo das ruas, que constituíam o luxo da Arquitetura na Antiguidade e tinham sido novamente postos em favor pelo Renascimento (Loggia dei Lanzi, em Florença), foram aqui prodigalizados a um ponto que contrasta com o primitivismo das habitações, onde uma família inteira apenas dispunha de um único compartimento para tôdas as necessidades de moradia.

(6) De Moussy, *Memória Histórica sobre la decadencia y ruina de las Misiones Jesuíticas en el seno del Plata*, p. 18: «El unico lujo que se permitian los padres era el de una hermosa huerta bien plantada de naranjos, parras, higueras, durasneros, granaderos, guayaveros, bananos, palmos, etc., etc. e de todos los legumbres de Europa».

Pelos alinhamentos de bases existentes, vê-se que, além de circundarem as habitações dos indígenas, êsses alpendrados se estendiam pela frente da igreja, do Colégio e do cemitério; em volta dos pátios internos do Colégio; externa e internamente ao longo do muro de frente do Colégio e por trás dêste, dando para a quinta dos jesuítas; externa e internamente no edifício do hospital.

Não encontramos nenhum indício de como o Povo de São Miguel se abastecia de água potável. Quando as Missões se situavam à margem de um rio, a água era retirada dêste à medida que deveria ser utilizada. Sabemos que assim se procedia em 1691, em Japeiú, então a Missão mais importante de tôdas.

Na Missão de San Ignacio Mini, em Córdoba, a água era trazida por meio de canalização subterrânea até um reservatório construído na quinta dos Padres.

O padre Antônio Sepp mostra-nos a atenção que dispensou ao abastecimento d'água, na escolha do sítio para a fundação do Povo de São João Batista, em 1697:

"Coloquei-vos numa encosta aprazível, sobranceira e lavada de todos os ventos. Ao sopé, como num segundo paraíso, vos abriu o Boníssimo Deus quatro fontes muitíssimo salutares, tanto para os homens como para o gado. Delas emana, sem cessar, limpidíssima água, e, podeis crer, não secarão mesmo na canícula de Janeiro, pois têm as suas nascentes entre perpétuas sombras de árvores frondosas, e as mesmas pedras duríssimas gotejam num perene lacrimar, que pouco a pouco escorre em arroios e rios.

Em São Miguel acreditamos que para o abastecimento do Povo se tivesse recorrido à água de sub-solo, pois foi o modo por que conseguimos água para o Museu das Missões, por nós construído em 1939, para o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A água seria puxada dos poços por uma nora.

Uma descrição do padre Sepp dá-nos idéia da iluminação das praças das Missões, em dias de festa:

"Como ficasse noite e como não houvesse nem cera nem óleo para a iluminação, tomaram de chifres de bois, que são aqui extremamente grandes e compridos, encheram-nos de graxa e sebo, acenderam-nos e os levantaram para cima. Por meio dêsses chifres ardentes transformou-se a noite escura em dia claro, como que iluminada por tochas, e os dançarinos e cavaleiros eram iluminados e tornados visíveis."

II — DA IGREJA

Se o traçado das aldeias e os programas das construções deviam obedecer ao padrão determinado nas "Leyes de Indias", a plástica geral e de detalhe variava, certamente, conforme a cultura do chefe do Povo ou dos artistas que executavam os trabalhos. E como tais artistas haviam deixado de há muito o país natal, suas concepções acompanhavam o movimento de arte da Europa, mas com o atraso de uma geração.

Assim é que vemos o padre Antônio Sepp evocar, nas construções do Povo de São João Batista, as imagens queridas de sua cidadezinha no Tirol. Nem é de estranhar que se encontre na igreja de São Miguel o estilo barroco italiano e não espanhol, se considerarmos que o seu construtor foi o Irmão arquiteto milanês, Gian Battista Primoli.

Este último ingressou na Companhia de Jesus aos 43 anos de idade, com o objetivo de dedicar sua vida profissional às grandes construções que se projetavam então nas Missões da América.

Chegou a Buenos-Aires em julho de 1717, com a numerosa expedição que, embarcada em três navios, havia partido de Cádiz dois meses antes. Na mesma expedição vieram outros artistas notáveis, entre os quais o Irmão arquiteto romano Andrea Bianchi. Os nomes desses dois arquitetos ficaram ligados à realização dos grandes monumentos coloniais de Córdoba e Buenos-Aires. Todavia os historiadores não estão sempre de acordo sobre a parte que toca a cada um deles na construção desses grandiosos monumentos.

O erudito Padre Guillermo Furlong S. J., contrariamente à opinião até aqui geralmente aceita, afirma que raras vezes terão os dois arquitetos trabalhado em colaboração. É inegável, entretanto, que tenham seguido a mesma escola e exercido um sobre o outro grande influência: a igreja de São Miguel, cuja autoria todos os historiadores estão de acordo em atribuir a Primoli, tem sua fachada muito semelhante à fachada da antiga Catedral de Buenos-Aires, cujo projeto, segundo o Padre G. Furlong, teria sido obra exclusiva de Bianchi.

Embora viesse destinado às construções a erigir em Missões, só em 1730 pôde Primoli deixar Buenos-Aires e Córdoba, onde era solicitado para tantas e tão importantes iniciativas.

Na região missioneira, Gian Battista Primoli construiu as três grandes igrejas dos Povos de Concepción, Trinidad e São Miguel.

São Miguel era desde 1697 a maior e mais importante das Missões. A igreja velha não bastava para conter a massa da população, tendo sido essa uma das razões apresentadas para o desmembramento do Povo.

Não sabemos precisar a data da chegada de Gian Battista Primoli a São Miguel. Mas em 1735 estavam já iniciadas as obras da igreja, quando foi esse arquiteto chamado a Buenos-Aires para dirigir a construção da igreja de San Telmo, projetada por Andrea Bianchi.

Em 1737 voltou Primoli às Missões e até 1744 trabalhou na igreja de São Miguel, empregando diariamente 80 a 100 operários.

Não só no caráter e plástica geral difere a igreja de São Miguel das demais igrejas missionárias, mas também no sistema construtivo. As florestas tropicais induziram os construtores jesuítas ao emprêgo da madeira como principal elemento de suas estruturas: os madeiramentos dos telhados e os forros de madeira apoiavam-se por meio de vigas em pilares feitos de troncos de grandes árvores. Esses pilares eram depois incorporados às paredes externas. No caso de igreja de três naves, eram também de madeira as colunas intermediárias, ficando à vista no interior do templo. "De este modo", disse Cardiel, "carga toda la fabrica del tejado en los pilares y nada en la pared".

Ao padre Antônio Sepp, vindo de uma região da Europa central onde são abundantes as matas, já era familiar essa maneira de construir.

Já não era assim com o arquiteto Gian Battista Primoli. Imbuído da tradição da construção italiana, nem o deteve a falta de cal, que muito dificultava a construção em Missões: a igreja de São Miguel foi totalmente construída de pedra até a altura dos tetos.

Os elementos subsistentes da igreja de São Miguel permitem a determinação de quase todas as suas disposições em planta. Do levantamento feito resultou uma igreja com três naves, sem transepto (fotos 16 e 17). De um e do outro lado do corpo da igreja, duas torres de planta quadrangular davam à fachada principal seu máximo desenvolvimento.

Precedia o templo um largo pórtico constituído por sete arcos, recaindo sobre pilares ornados por colunas engastadas.

A nave principal era separada das colaterais por duas fileiras de arcos, cujos pilares eram também ornados por pilastras conjugadas (foto 18).

Os pilares das arcadas eram ainda munidos de contrafortes, nos quais se apoiavam arcos transversais, dividindo os colaterais em cinco capelas. Vemos nos contrafortes do colateral direito (foto 19) a nascenta desses arcos claramente indicada pela disposição das pedras *em saliência*.

Sobre a entrada da igreja era provavelmente localizado o côro em piso elevado, e onde teria sido instalado o grande órgão. A foto 20 mostra os buracos deixados nas paredes pelos barrotes que suportavam esse piso.

A direita da entrada encontrava-se uma capela com seu altar e pia batismal, sendo a bacia de barro vidrado de verde, assentada sobre uma moldura de talha dourada.

A nave principal conduzia a uma capela-mor de pequena profundidade.

De um e do outro lado da capela-mor estavam dispostas salas que comunicavam a igreja com um espaçoso salão, em forma de T, com dois compartimentos anexos.

Sobre os elementos em elevação, as ruínas da igreja de São Miguel não fornecem dados suficientes. Dos tetos nada resta. Infelizmente, não encontramos nos autores que conheceram as Missões os esclarecimentos necessários. O historiador D. Félix de Azara, que viu São Miguel em fins do século XVIII, informa apenas que a igreja tinha "100 varas de longitud y es de silleria hasta la cornisa, sin más cal o mezcla que en las juntas por fuera; el resto es de madera como en todas."

No interior, a nota dominante é a estrutura formada pelos maciços recebendo as descidas dos arcos e contendo uma ordem de pilastras conjugadas. No alto, o entablamento dessas pilastras segue ao longo das paredes da nave. O aspecto de certas pedras do muro do frontispício, pelo lado interno, indica que o fôrro da nave vinha morrer sobre êle segundo um arco em asa de cesta (foto 21).

De cogitação em cogitação, chegamos à conclusão de que diretamente sobre a cimalha, apoiar-se-ia uma abóboda de berço, reforçada pelos arcos salientes, em correspondência com as pilastras. Esse berço levaria lunetas com aberturas para a iluminação (foto 22), conforme indicam os vãos deixados na parte superior das paredes longitudinais da nave (foto 18).

O berço da nave principal era, a nosso ver, coberto por telhado de duas águas: as paredes da nave sobem além da nascença do berço para recebê-lo. É nessas paredes que vemos os vãos das janelas *de triforium*, destinadas a iluminar a nave por cima dos telhados dos colaterais.

Os tetos dos colaterais eram, provavelmente, berços interrompidos pelos tímpanos dos arcos que separavam as capelas e penetrados por lunetas, de certo protegidos por telhados de uma água (foto 22). Isso é evidente, pelo fato de terminarem os contrafortes dos maciços, que separam a nave dos colaterais, a uma altura de 10,60 m, com uma inclinação que nos dá o caimento desse telhado (foto 19).

Quando à capela-mor, dada a sua finalidade, teria também teto em berço, que seria construído no prolongamento do berço da nave, e separado deste por um arco saliente do teto da nave, pois que não encontramos qualquer indício de outro arco-cruzeiro.

O altar-mor com tôda a probabilidade foi erigido contra o muro dos fundos, ocupando a largura da capela-mor. Tanto assim que se vêem muito claramente os buracos deixados pelas peças de madeira que manteriam a talha do respectivo retábulo.

Pelas disposições dêsses buracos podemos supor que o retábulo do altar-mor era composto de quatro elementos verticais, quiçá constituindo colunas conjugadas, em três ordens superpostas, separando nove quadras que continham os nichos para as imagens (foto 24). O nicho que ficava acima da cimalha guardaria a grande imagem de São Miguel Arcanjo, de que nos fala o padre Gay.

Essa nossa suposição é tanto mais verossímil que o retábulo assim disposto se assemelha perfeitamente ao da igreja de *la Compañia* em Córdoba.

Colunas, entablamentos, impostas e arquivoltas teriam emoldurado os nichos; guarnições e pinturas enriqueceriam o altar mor, assim feito para atrair todos os olhares; a ornamentação do resto da igreja devia ser sóbria, sem a profusão de motivos escultóricos e pictóricos que ostentaram as igrejas em época posterior.

Quanto ao aspecto exterior, a fachada principal é a parte mais conservada do monumento (foto 25).

Os elementos subsistentes permitiriam sua completa representação se não faltassem dados positivos sobre a cobertura das tôrres e sobre a cobertura do pórtico.

Para representação de uma e outra das coberturas, encontramos, felizmente, um precioso indício na gravura do historiador francês Demersay, que viu a igreja em 1846, antes da destruição dêsses elementos (foto 26).

A forma da cobertura da torre do lado esquerdo aparece nessa gravura, embora muito deformada pela perspectiva, como uma campânula ou um sino, encimado por uma bola e uma cruz.

Veremos, adiante, como a fachada da igreja de São Miguel se assemelha à antiga fachada da Catedral de Buenos-Aires, executada pelo mesmo arquiteto, ou por seu compatriota, colega de Companhia e notável arquiteto Andrea Bianchi. Na cobertura das tôrres dessa igreja, bem como na de outros templos do mesmo período em Buenos-Aires — Santo Domingo, San Nicolas, El Pilar —, encontramos a forma mais ou menos acentuada de campânula que adotamos em nossa reconstituição.

Segundo foi observado por Vicente Nadal Mora, em sua obra *La Arquitectura Tradicional de Buenos Aires*, era essa a forma mais empregada na época, não sendo tão comum o tipo de cúpula bulbosa que cobre o campanário de La Merced.

Sobre a cobertura das torres havia um galo amarelo, provavelmente de cobre. O frontispício do pórtico aparece na gravura de Demersay encimado por um frontão.

O historiador José Feliciano Fernandes Pinheiro, ao invés de um telhado de duas águas, parece fazer referência a uma cobertura em terraço.

Preferimos admitir esta hipótese, porque nos repugnava a idéia de um telhado indo morrer de encontro à fachada, sem respeito pela modenatura elaborada que esta apresenta. Vemos nas ruínas da fachada do corpo da igreja (foto 25) vestígios dos apoios do vigamento que suportava esse piso.

Analisando, porém, a igreja nesta primeira tentativa de reconstituição, estranhamo-lhe certas disposições e chegamos à conclusão de que essa construção não correspondeu exatamente ao projeto grandioso que suas proporções indicam.

Com efeito, a capela mor resultou do fechamento da última arcada da nave. Pareceu-nos acanhada, sem profundidade, enquanto atrás dela foi deixada uma sala, cujas dimensões, forma e caráter suntuoso não justificam seu destino como sacristia (foto 27). Acresce que esse salão é ladeado por salas menores que conviriam perfeitamente à finalidade de sacristias, principalmente a da esquerda, que comunica a igreja com o Colégio dos Padres.

Se, por fim, viermos a fazer abstração da parede que separa as naves da igreja da sala dos fundos, melhoram tôdas as proporções, e a planta toma o aspecto que lhe convém (foto 28): transepto com a mesma largura da nave principal, capela mor de suficiente profundidade, ligada à sacristia por uma rica porta, em sítio perfeitamente adequado às exigências da liturgia; e passagem do transepto para a capela mor assinalada por um chanfro nos pés direitos e por pilastras conjugadas que suportariam o arco-cruzeiro.

Outro argumento no mesmo sentido é a não existência de amarração da alvenaria dêste muro, que veio formar a capela mor, com a dos pilares da nave. O muro foi construído depois de prontos os pilares: sua alvenaria é menos regular, e, além de tudo, veio morrer de encontro a esses pés direitos, sem o menor respeito pelas pilastras que cobriu, deixando, entretanto, de fora, parte dos capitéis como testemunha (foto 18).

Considerando essa hipótese da igreja ter um transepto, o fôrro dêste transepto deveria ser abobadado em berço e, no encontro com o berço da nave principal, teria sido prevista a clássica cúpola sobre pendentes. Essa cúpola elevar-se-ia sobre um tambor, no qual seriam deixados os vãos para iluminação (fotos 29, 30 e 31).

As disposições da igreja, assim concebidas, assemelham-se às dos monumentos executados anteriormente pelo mesmo arquiteto, quer trabalhando

sôzinho, quer em colaboração com o notável arquiteto Andrea Bianchi, em Misiones, Córdoba e Buenos-Aires.

As grandes igrejas: — a Catedral de Buenos-Aires, a Catedral de Córdoba e principalmente a igreja de San Ignacio, em Buenos-Aires — muito se lhe assemelham; todos êsses templos se filiam ao imponente tipo da igreja de Gesu, de Roma, com seu transepto de pequena extensão, tendo o cruzamento das naves coroado por cúpola sôbre tambor elevado (fotos 32 e 33-a-b-c-d).

Nas pequenas igrejas de Alta Gracia e de Santa Catalina, em Córdoba, o transepto quase desaparece, mas a capela mor é sempre precedida pela cúpola sôbre pendentes (fotos 32 e 33-e-f).

Esses tetos curvos, abóbadas de berço e cúpolas, foram construídos de alvenaria, com a proteção suplementar de um telhado ou sem ela.

De alvenaria eram também as abóbadas da igreja de La Trinidad, no Paraguai, construída em 1744 pelo arquiteto Gian Battista Primoli, conforme nos informam os *Inventários* de 1767.

Ante os elementos citados, a conclusão inevitável é que a igreja de São Miguel foi projetada com uma nave transversal e cúpola sôbre tambor elevado.

Tal cúpola certamente não chegou a ser construída. Obra de tamanha importância, teria impressionado os homens de então, provocando comentários que não deixariam de chegar até nós.

Na impossibilidade de realizar o projeto inicial da igreja, quais teriam sido nessa hipótese as modificações introduzidas pelos seus construtores?

Sôbre a forma dos tetos e coberturas da igreja de São Miguel, apenas duas referências encontramos nos autores consultados. A primeira foi feita pelo Cônego João Pedro Gay, na descrição seguinte: "O corpo da igreja era de três naves, com seu cruzeiro e meia laranja, com trezentos e cinquenta palmos de comprimento de vão, com cento e vinte de largura e quarenta e cinco palmos de pé direito..." a segunda foi feita pelo professor Miguel Solá e parece louvar-se na descrição do Padre Gay: "La planta era de três naves y cúpola en el crucero; tenia 73 metros de largo por 25 de ancho".

A referência do Padre Gay evidentemente se baseou em informações, pois a igreja, ao tempo de seus escritos, já estava sem cobertura. Nem a grande parede que separa as naves da sala dos fundos, à qual êle não alude, permitiria a existência de transepto e cúpola.

A hipótese mais provável, portanto, é que a igreja tivesse sido concluída, com seu cruzeiro e "meia laranja", diferindo do projeto inicial apenas na construção da cúpola menos elevada. Ficaria ela, nesse caso, inteiramente de acordo com a descrição do Padre Gay, medindo os trezentos e cinquenta palmos de comprimento, da porta de entrada principal à parede do fundo da capela mor.

Assim teria sido a igreja até 1756, quando provavelmente ficou sem cobertura, em consequência do incêndio e das depredações que sofreu por ocasião da guerra dos Sete Povos.

Com o restabelecimento da Missão, em 1761, os jesuitas, na premência de refazer os serviços do Culto e sem os recursos materiais que a recomposição total da igreja exigia, teriam construído a espessa parede que limitou a profundidade da nave.

Não acreditamos tenham os Padres cogitado na possibilidade de em qualquer tempo retomar a construção da igreja de São Miguel, de acordo com o projeto primitivo, porque:

1.º — o muro que limita a profundidade da nave sobe até uma altura de 15.00 m com 1,75 m de espessura;

3.º — conforme já dissemos, o altar mor deve ter sido construído contra esse muro;

3.º — e, finalmente, porque faltam nas ruínas as duas últimas arcadas do lado esquerdo da nave e foi demolido até o chão o pé direito que as sustentava (foto 18). Ora, a falta desses elementos, que se poderia lastimar entre os danos sofridos pelo monumento, atribuímo-la a uma demolição deliberada em vista da criação de um novo transepto. Os trabalhos teriam sido nesse ponto interrompidos, porquanto as arcadas do lado direito da nave se mantêm inalteradas (foto 18).

III — DO COLÉGIO

Para a reconstituição do Colégio baseamo-nos principalmente nas indicações fornecidas pelos elementos subsistentes, embora sejam esses apenas: a) muros em ruínas, os quais, se em alguns pontos atingem 3.50 m de altura e noutros apresentam ainda 1.00 m, na maior parte se encontram completamente tombados, tendo apenas os alicerces; b) bases ou simplesmente alicerces de bases de pilares, alinhados ao longo desses muros.

O Colégio era constituído por uma série de casas, situadas em volta de dois grandes pátios, e abrindo-se sobre os mesmos através de alpendres ou pórticos construídos com pilares de pedra (foto 34).

Um bonito portão, cujo aspecto nos foi conservado pela gravura de Demersay (foto 35), dava acesso ao primeiro pátio, contíguo à igreja. O portão se localizava à distância igual das extremidades do pátio.

Não encontramos nenhum vestígio de muro nem alicerce de colunas no lado do claustro que faz face à igreja. Acreditamos, entretanto, que os pórticos se seguissem por esse lado, correndo aproximadamente no alinhamento da torre, e que o espaço resultante para trás do pórtico até à igreja fôsse ocupado por salas de aula do Colégio.

Essa hipótese é baseada na descrição feita pelo Pe. Luís Gonzaga Jaeger S. J. de um Povo que pensamos ser São Miguel. Confirma-a a disposição dos muros da fachada lateral da igreja, os quais sobem até à altura dos peitoris das janelas dos colaterais com uma espessura maior do que aquela que irão ter daí por diante. Na saliência assim formada se apoiaria o telhado que cobria as salas de aula e seu alpendre (foto 34-e).

O fato de não se ter aí encontrado elemento algum de construção justifica-se pelas escavações a que procediam ao longo dos muros a curiosidade e a cobiça do povo, empenhadas em descobrir os fabulosos tesouros enterrados pelos jesuítas.

Assim constituído, o pátio mede 66.30 m \times 63.50 m. Essas dimensões concordam aproximadamente com as fornecidas pelo Cônego J. P. Gay para Missões da mesma importância: 300 palmos \times 300 palmos.

O Colégio de São Luís tinha quatorze pilares na frente dos quartos dos Padres e treze nas outras faces do claustro. O claustro de São Miguel apresentaria quatorze pilares em cada uma de suas faces, se no ângulo NO as arquitraves não se apoiassem nas paredes da torre.

Ao fundo do pátio achava-se a ala principal com a residência dos Padres. Ao centro devia ficar a sala do Padre Reitor, onde, segundo os historiadores Bach e Pfotenhauer "reinava uma semi-obscuridade mágica". Do lado esquerdo ficavam provavelmente os aposentos destinados aos demais jesuítas, todos amplos e confortáveis; do lado direito o refeitório "com lindas portaladas, que serviriam magnificamente bem para capelas" no dizer do Cônego João Pedro Gay. Ainda, segundo esse autor, o refeitório devia ter subterrâneo mais ou menos extenso.

Interrompem-se aí os muros com indicação de ter havido uma passagem coberta do pátio para a quinta dos Padres.

Seguiam-se na mesma ala cozinha e dispensa, se adotarmos disposição semelhante à da Missão de San Ignacio Mini, reconstituída por Juan Queirolo (foto 15-b).

Nas casas que vêm, em seguida, na ala paralela à igreja, eram provavelmente instaladas as oficinas de ourives, pintores, entalhadores, enca-dernadores, e uma pequena tipografia. Aí ficava ainda uma *casa forte* para prisão.

Atravessando pequena passagem coberta, que vemos claramente indi-cada nas ruínas, passava-se ao segundo pátio.

Os elementos subsistentes nas ruínas nos mostram que, em três de suas faces, havia construções abertas sobre o pátio através de pórticos ou alpendres.

Do mesmo lado em que ficavam as residências dos Padres, no primeiro pátio, ficavam, provavelmente, no segundo: os armazéns, onde eram guar-dadas as sementes e o produto das colheitas; os depósitos onde se arma-zenava a roupa antes da distribuição; os arsenais de armas.

Nos outros lados ficavam provavelmente: a usina de açúcar, com seus cinco ou seis caldeirões; as oficinas dos tecelões, que chegavam a ocupar quarenta e até cinquenta teares; as oficinas dos alfaiates, sapateiros, cha-peleiros; as oficinas dos carpinteiros, ferreiros, serralheiros, latoeiros, curti-dores; as oficinas de conserto de carruagens.

IV — DAS CASAS DOS INDIOS

Sobre a construção das casas dos índios pouco esclarecem as ruínas.

As inúmeras bases, alicerces de bases e capitéis encontrados serviram, no entanto, para determinar sua localização e para evidenciar:

1.º — que as ditas casas eram rodeadas por alpendres compreendendo três vãos ou intercolúnios em seu lado menor;

2.º — que no outro sentido a respectiva fachada devia ter ora oito, ora nove intercolúnios;

3.º — que a distância entre os pilares era quase sempre de 5.10 m de eixo a eixo;

4.º — que os pavilhões eram separados uns dos outros por uma dis-tância de 12.00 m, largura das ruas;

5.º — que os pilares dos pórticos ou alpendres tinham fuste de secção quadrada, com 0.35 m de lado;

6.º — que esses fustes eram fixados às bases e capitéis por meio de encaixes de secção quadrangular.

Os escritos do tempo e as descrições dos historiadores ajudaram-nos a completar a reconstituição.

O Padre Luís Gonzaga Jaeger dá-nos para tais alpendres uma largura de 2.00 m a 3.00 m. Os alpendres do Colégio têm a largura de 2.50 m de parede a eixo dos pilares; adotamos a mesma medida para os alpendres das casas dos índios, que não seriam positivamente mais largos que os pórticos do Colégio (fotos 34-a-b-c).

Deduzidos os alpendres, sobra em cada pavilhão uma área de 10.00 m \times 35.00 m ou 10.00 \times 40.00 m, conforme o caso. Esta área seria dividida no sentido do maior comprimento por uma parede mestra e no sentido transversal, por paredes divisórias, formando ao todo quatorze (ou dezesseis) compartimentos, destinados cada um à moradia de uma família. Esses compartimentos seriam providos de porta e janela.

Façamos um parêntese para considerar quão rudimentares eram essas disposições, constando de um só compartimento para satisfazer as necessidades de moradia de toda uma família!

Não se poderá melhor comentá-lo do que empregando as palavras do Padre Antônio Sepp: "E dentro da casa — onde está a saleta? Onde o dormitório, a cozinha, adega, dispensa, e onde o vinho e a cerveja na adega, e onde as panelas e as bacias de estanho na cozinha, e onde a cama no dormitório? Tudo isso os índios têm reunidos numa só peça.

A pobreza desses domicílios, comparada ao tratamento pomposo dos monumentos, chegou a provocar comentários até na Europa.

Os blocos de moradia deviam ser cobertos por telhados de quatro águas, à semelhança dos pavilhões dos Povos de São João (foto 13) e da Candelária (foto 14).

A disposição das paredes internas evitava o emprêgo de tesouras no madeiramento. Com efeito, os caibros podiam apoiar-se na parede mestra divisória; depois, nas terças, apoiadas por sua vez nas paredes transversais, nas paredes externas e, finalmente, nas vigas que ligavam os pilares do alpendre. Os espigões das *garupas* apoiavam-se no encontro das paredes divisórias, no encontro das paredes externas e finalmente nos ângulos do alpendre, sobre os pilares, ficando assim fortemente estabelecidos.

Com a reconstituição das casas dos índios chegamos ao fim do programa proposto em nosso trabalho.

Na Reconstituição do Povo de São Miguel procuramos destacar os dois aspectos da contribuição que oferecemos:

1) Alguns dados exatos, baseados no estudo detido das ruínas;

2) Conjeturas para serem discutidas, combatidas ou aceitas, provocando assim nos meios estudiosos um movimento de interesse e outras contribuições, em torno do assunto, certamente mais valiosas.



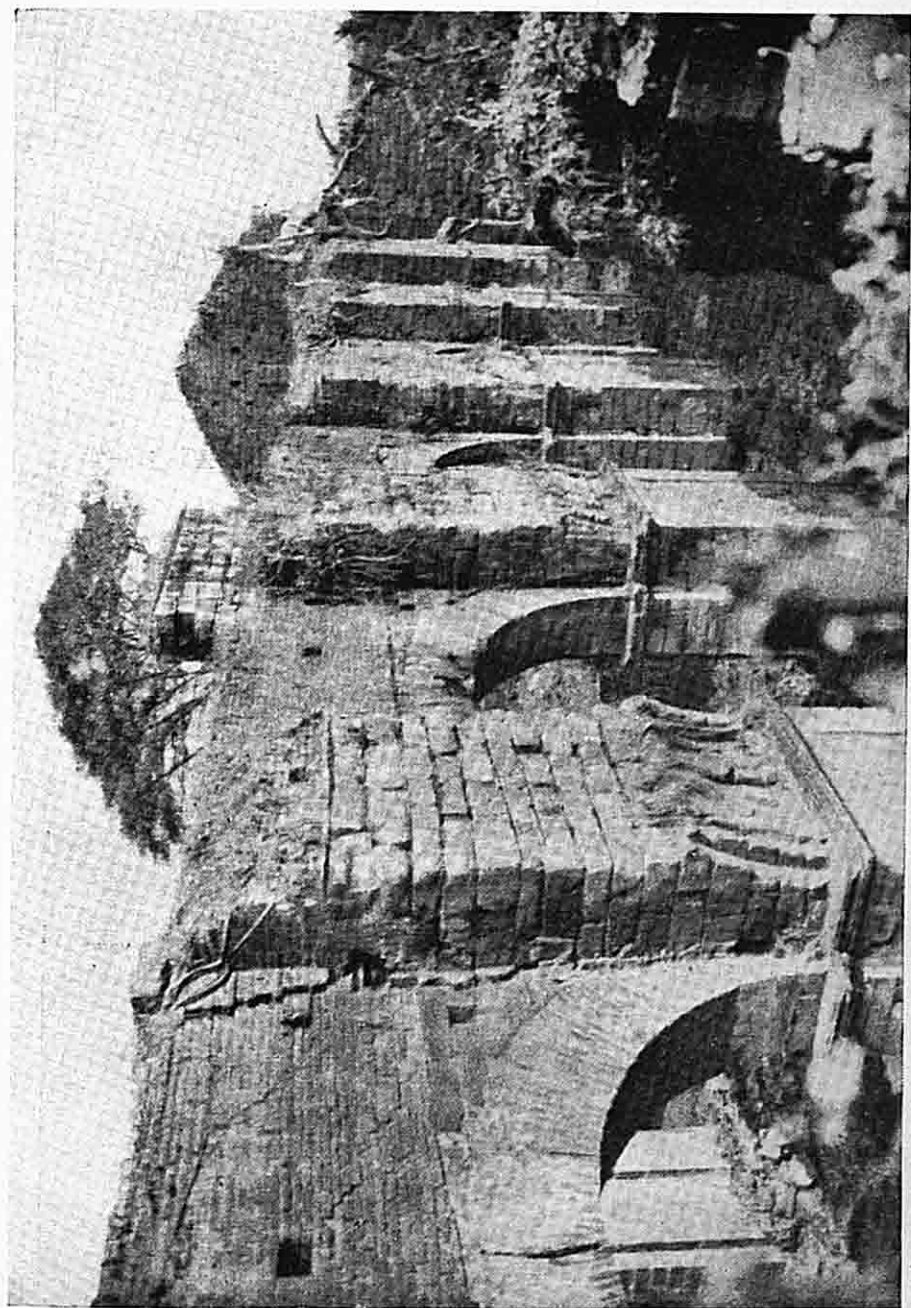


Foto 19 — Igreja de São Miguel. Ruínas do colateral direito.

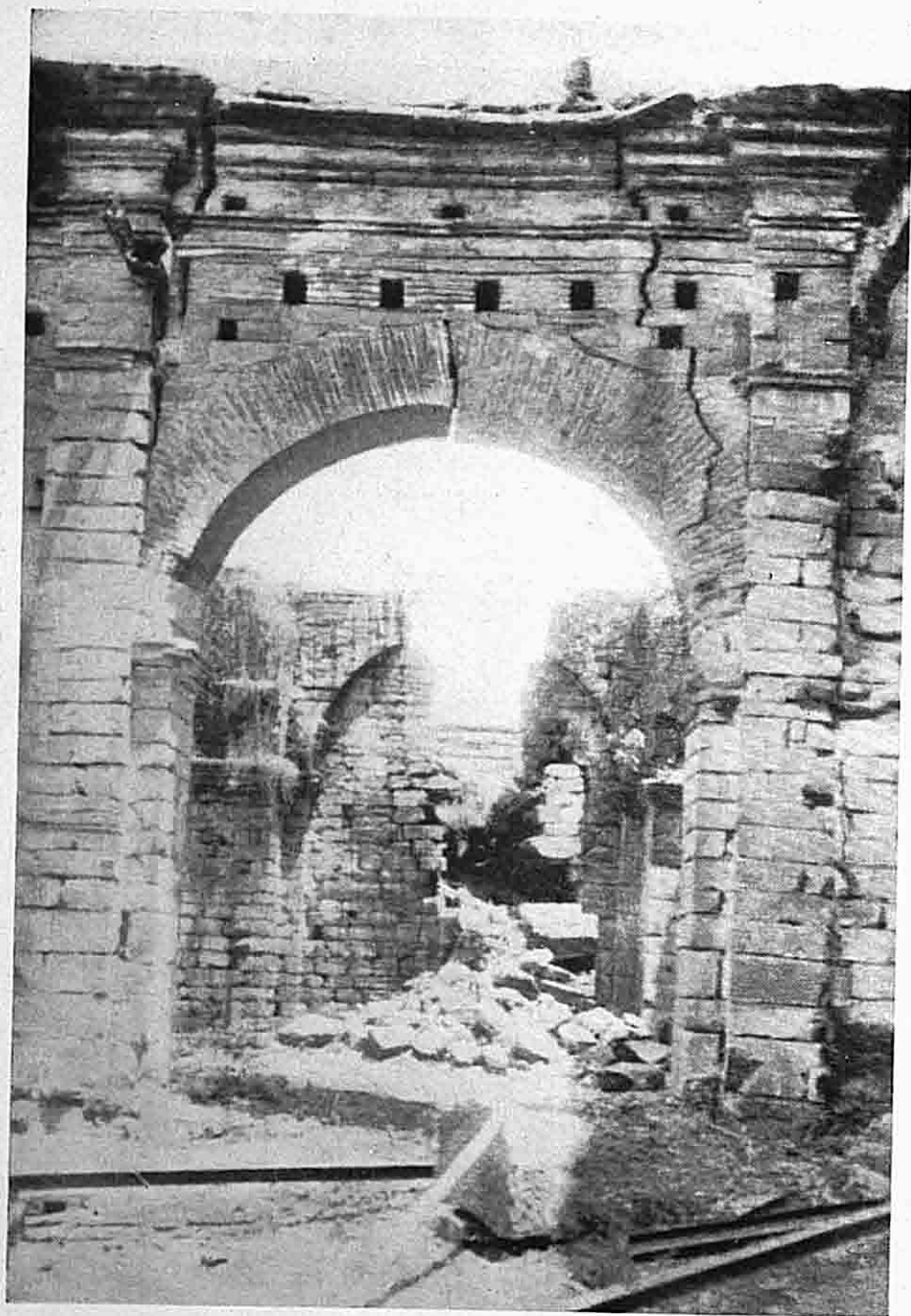


Foto 20 — Igreja de São Miguel. Ruínas da nave principal. 1.^a arcada a contar da entrada.



Foto 21 — Igreja de São Miguel. Ruínas do frontispício, face interna.

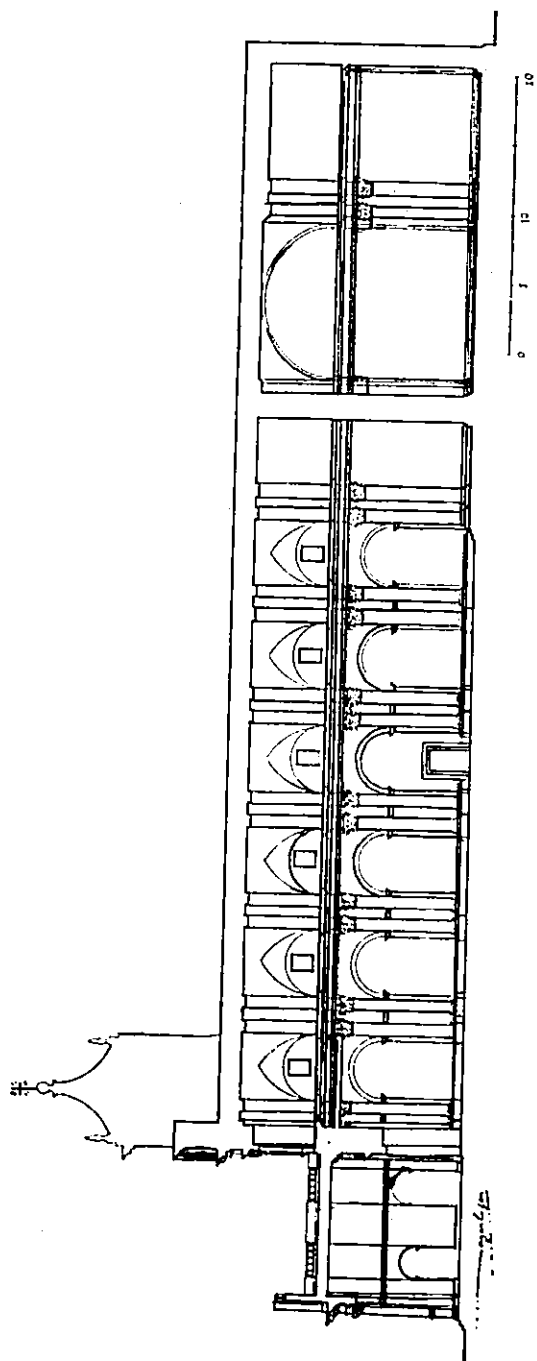


Foto 22 — Reconstituição da igreja de São Miguel baseada nos elementos subsistentes. Secção longitudinal.

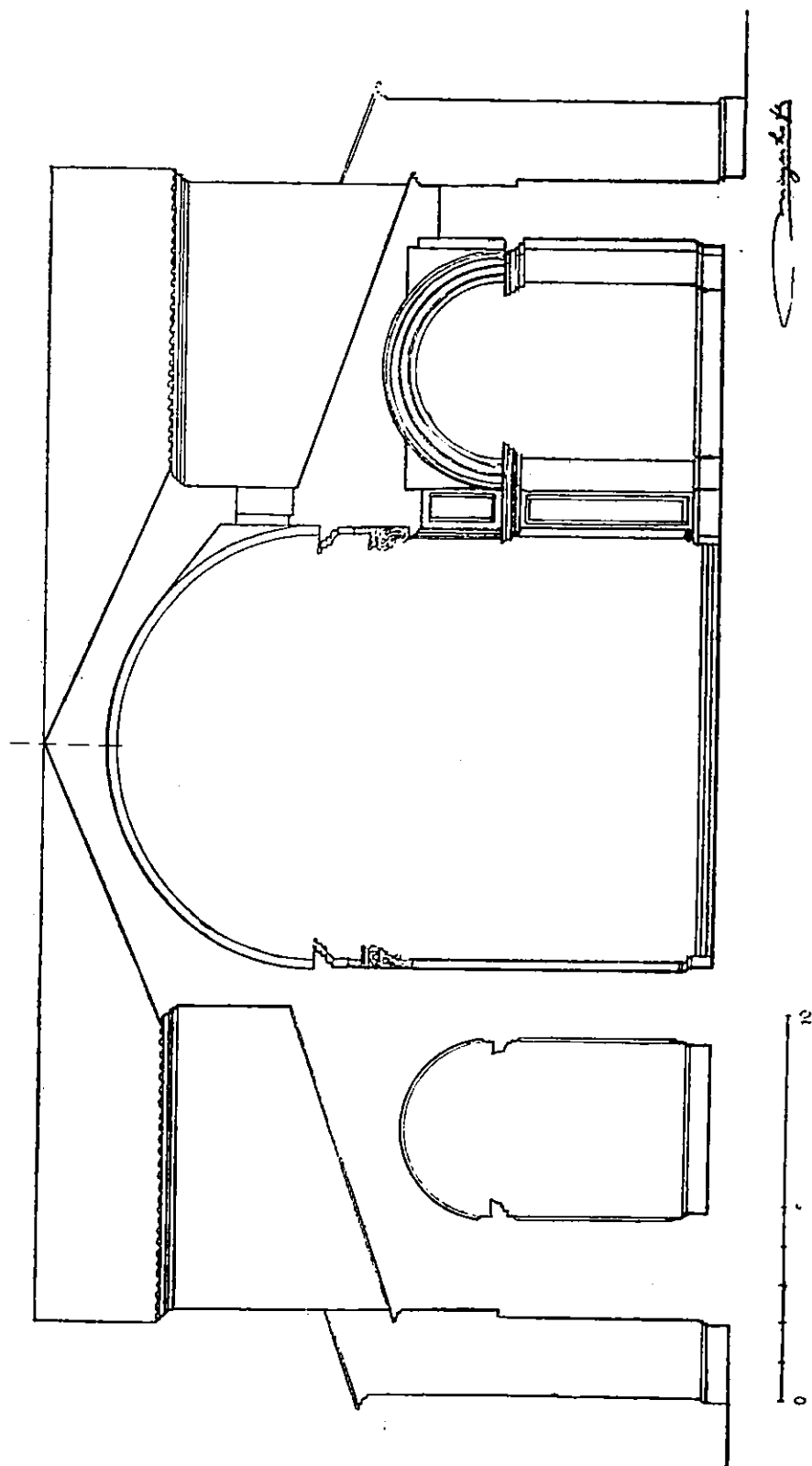


Foto 22a — Reconstituição da igreja de São Miguel baseada nos elementos subsistentes. Secção transversal.

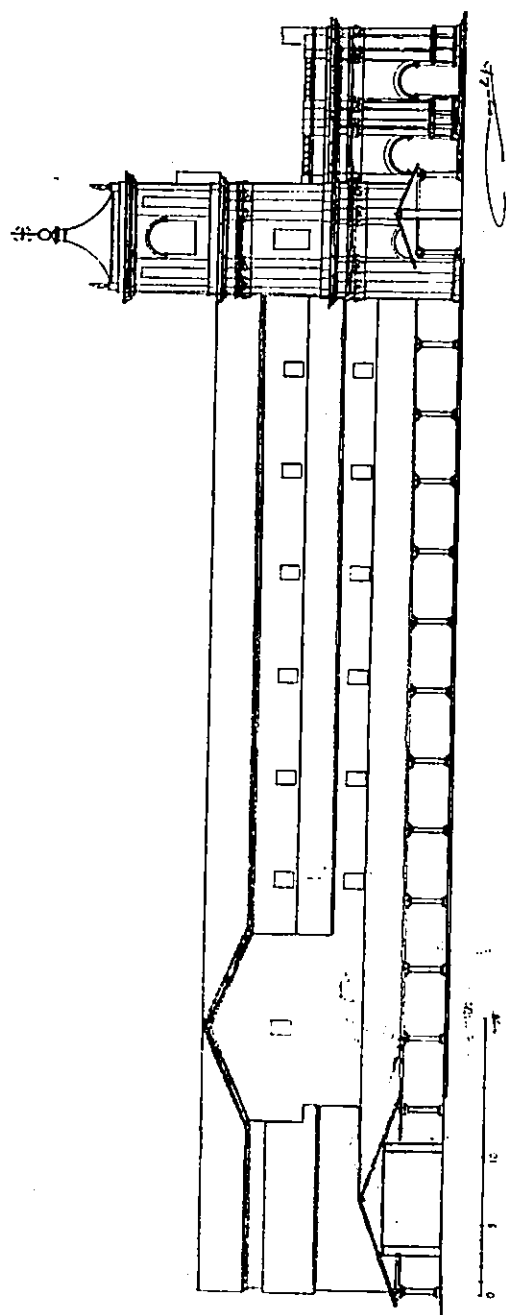


Foto 23 — Reconstituição da igreja de São Miguel baseada nos elementos subsistentes. Fachada lateral.

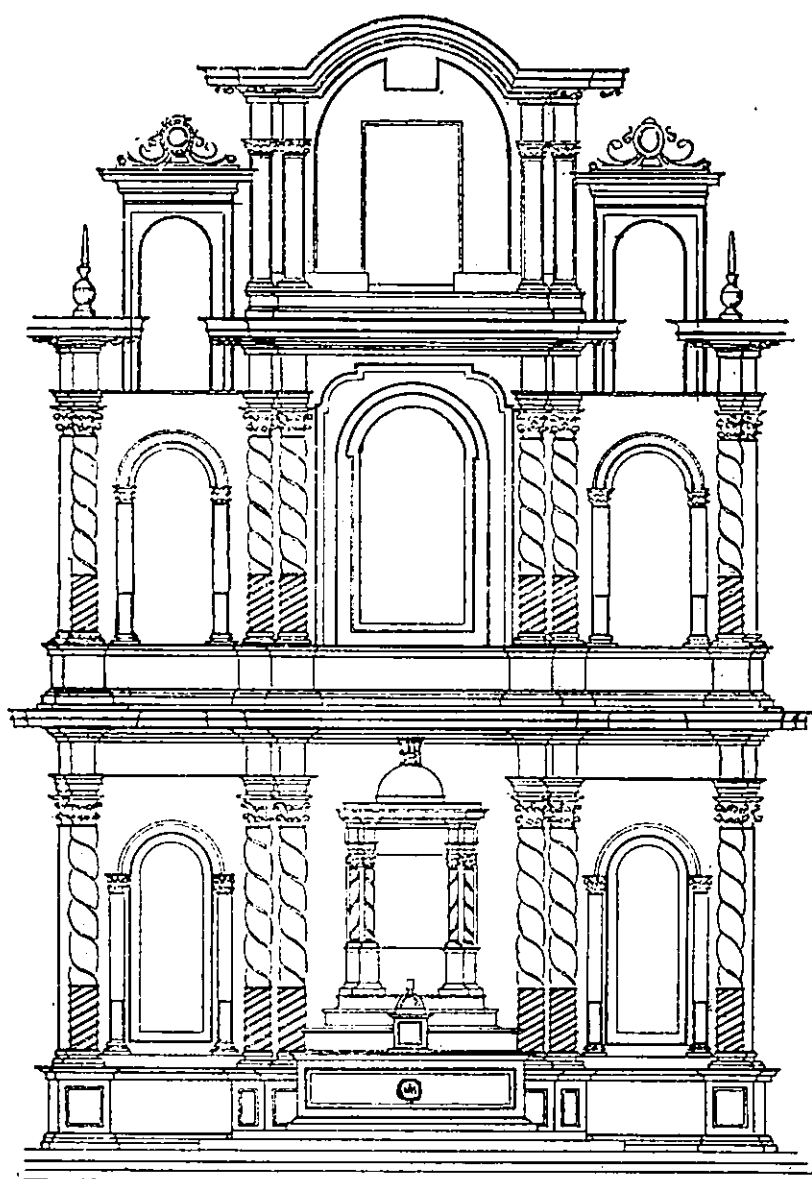


Foto 24 — Reconstituição da igreja de São Miguel baseada nos elementos subsistentes. Retábulo do altar-mor.

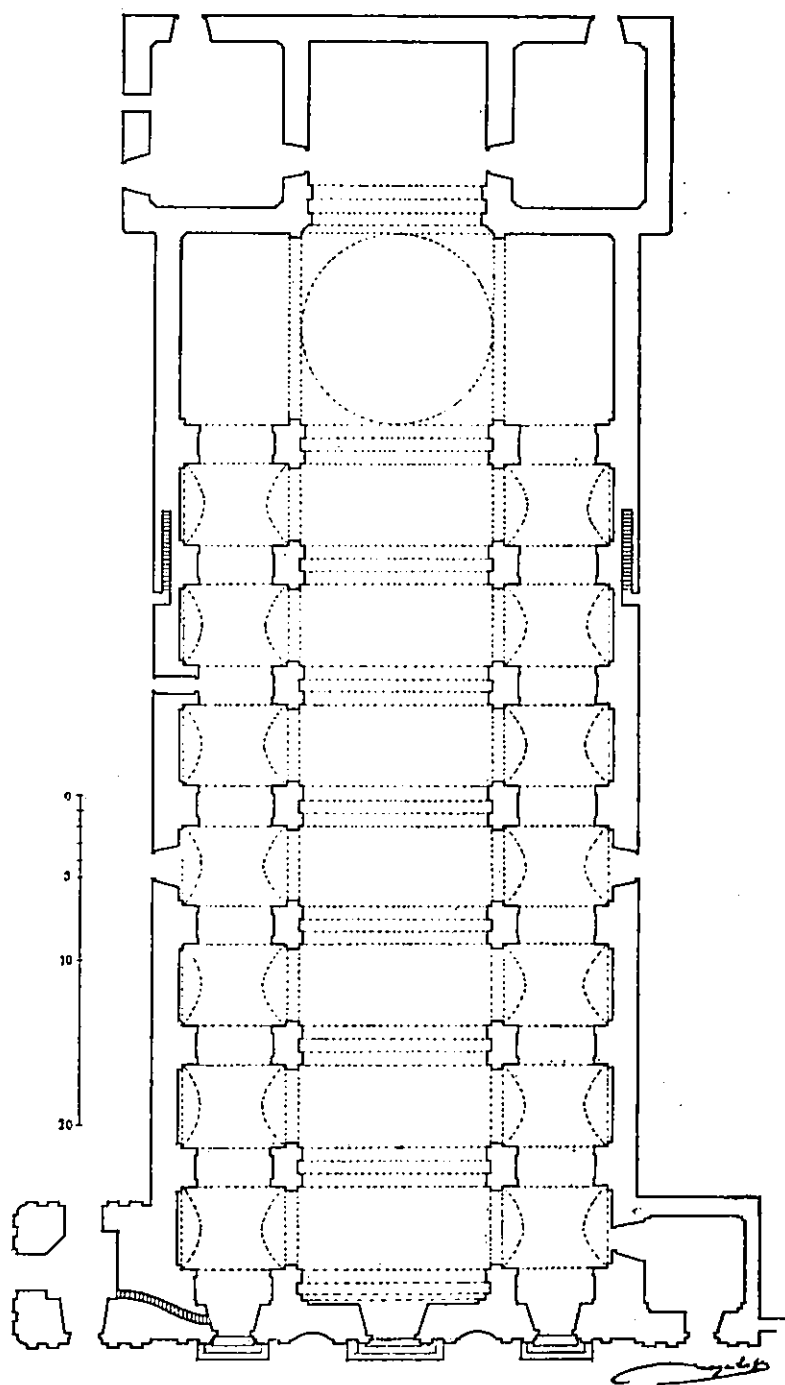


Foto 28 — Reconstituição da igreja de São Miguel. Como o autor procura reconstituir a concepção original do arquiteto que a projetou. Planta.

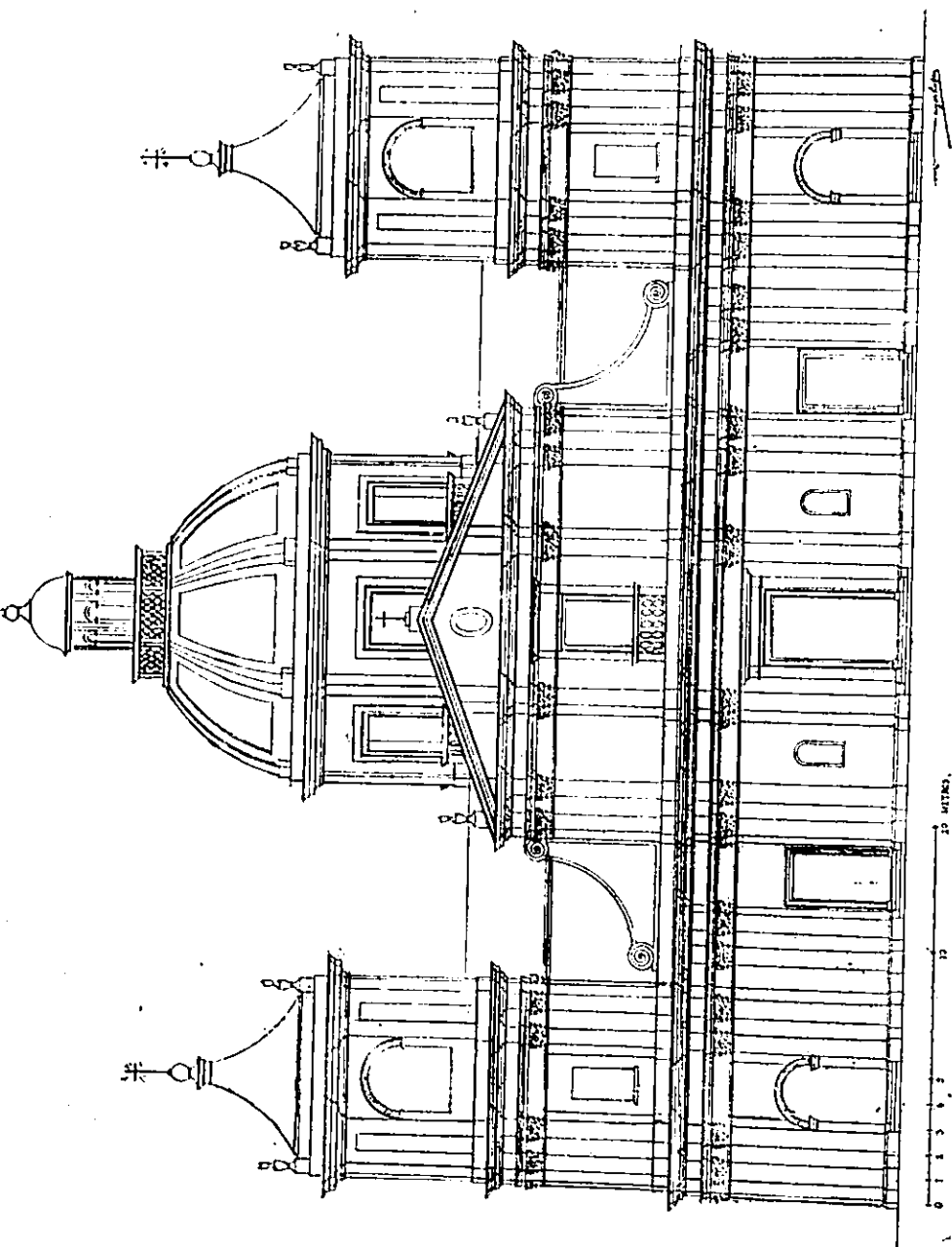


Foto 29 — Reconstrução da igreja de São Miguel. Como o autor procura reconstituir a concepção original do arquiteto que a projetou. Elevação principal.

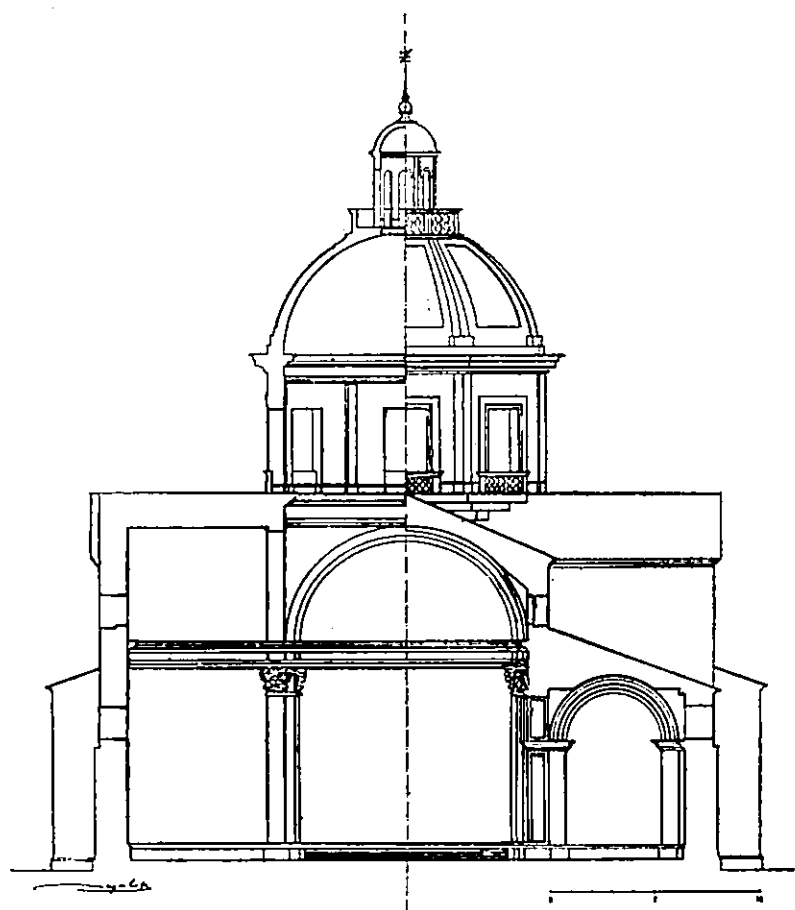


Foto 30 — Reconstituição da igreja de São Miguel. Como o autor procura reconstituir a concepção original do arquiteto que a projetou. Secção transversal.

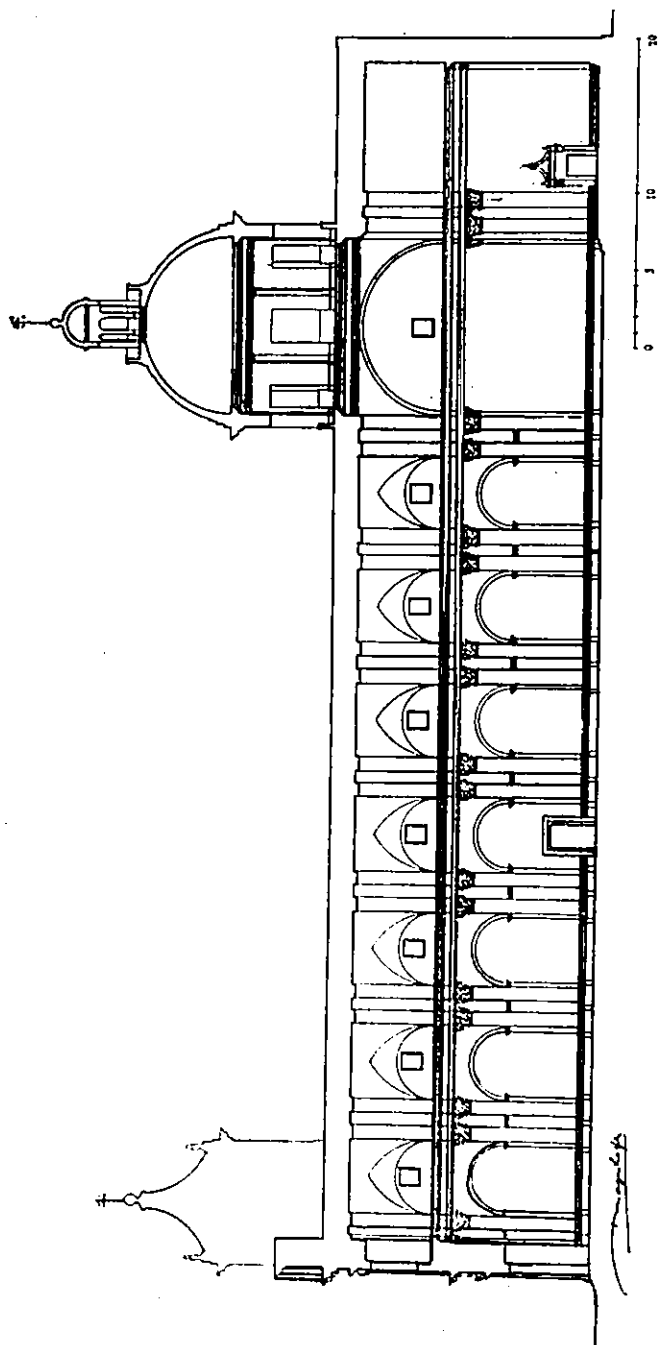


Foto 31 — Reconstrução da igreja de São Miguel. Como o autor procura reconstituir a concepção original do arqui-
teto que a projetou. Secção longitudinal.

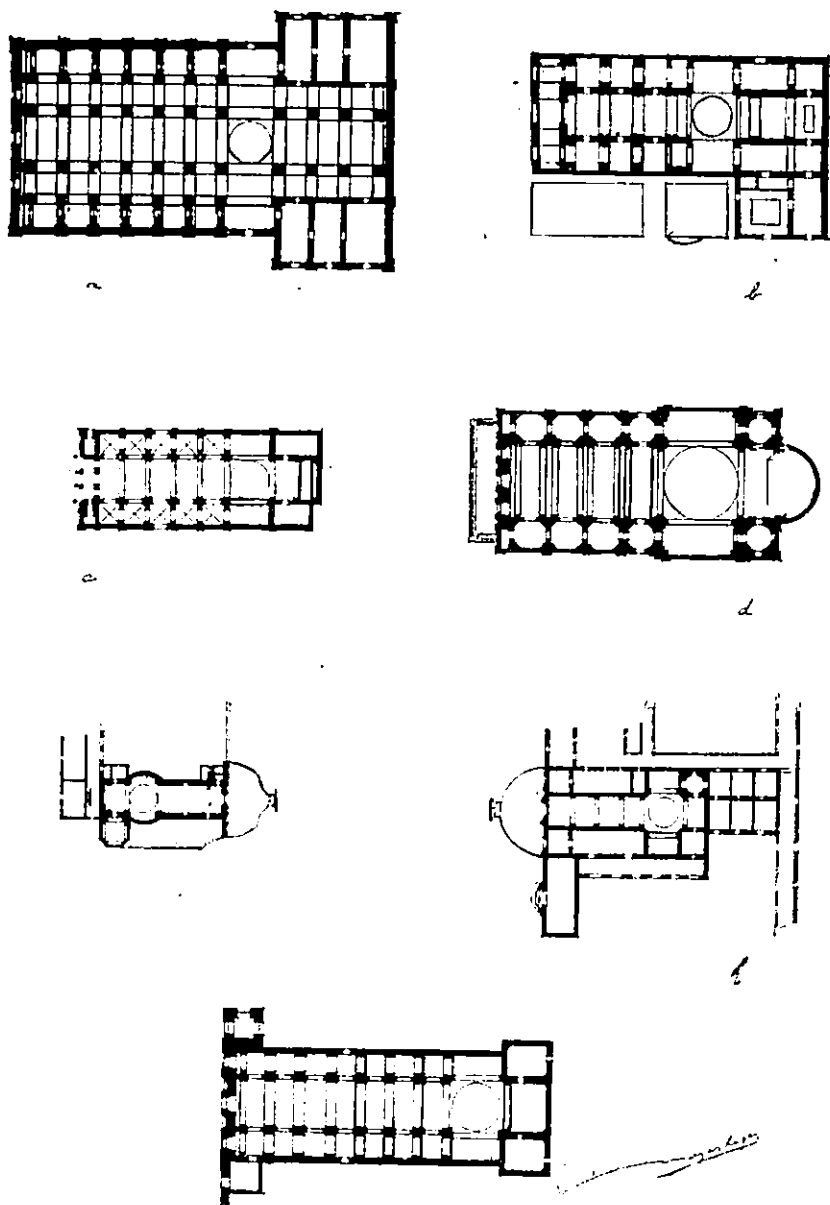
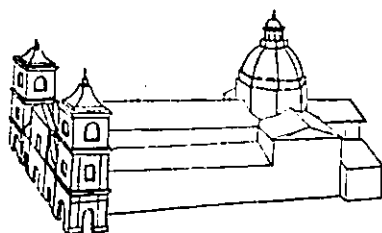
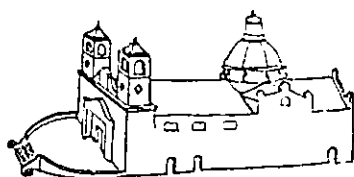
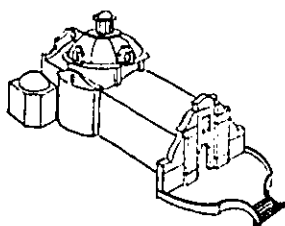
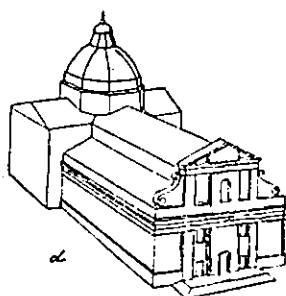
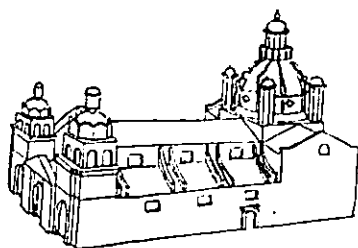
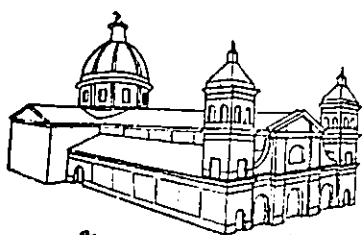


Foto 32 — Plantas comparativas: a) Catedral de Buenos-Aires, com a primitiva fachada; b) Catedral de Córdoba; c) igreja de San Ignacio em Buenos-Aires; d) igreja do Gesù, em Roma; e) igreja de Alta Gracia, em Córdoba; f) igreja de Santa Catalina, em Córdoba; g) igreja de São Miguel das Missões.



magalhães

Foto 33 — Estudo comparativo de plástica geral.

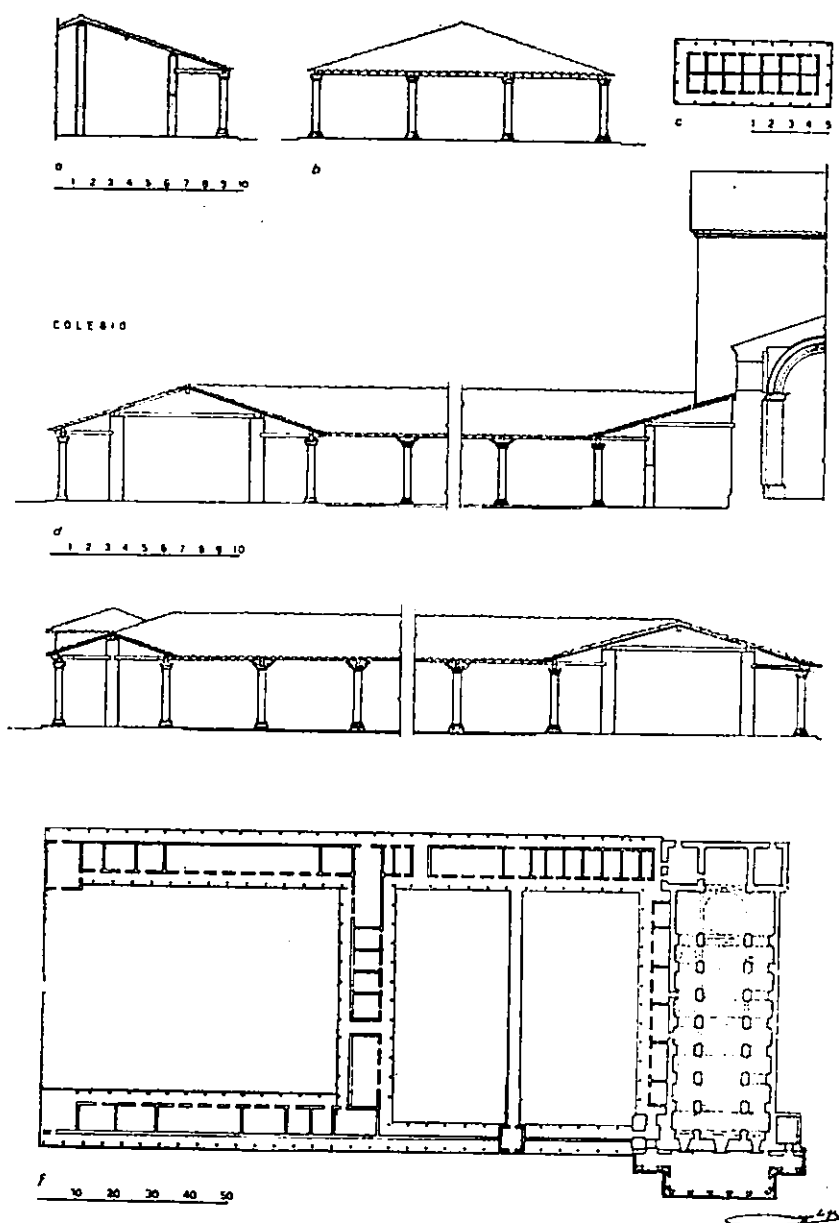


Foto 34 — Reconstituição do Povo de São Miguel: a) casa dos índios, secção transversal; b) casa dos índios, fachada; c) casa dos índios planta; d) Colégio dos Padres, secção transversal; e) Colégio dos Padres, secção longitudinal; f) Colégio dos Padres, planta.